

POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

SEMANARIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

A transcendência da Comunidade Luso-brasileira

A viagem do senador Juscelino Kubitshek de Oliveira ao nosso País decorreu num ambiente de verdadeira compreensão em que os portugueses exprimiram bem alto a confiança que têm no futuro da Comunidade Luso-Brasileira.

por B. Guerra Conde Junior

Desde a reunião do sr. Professor Oliveira Salazar com o antigo Presidente do Brasil, às declarações feitas no banquete do Palácio das Necessidades um mútuo interesse de cooperação das duas Pátrias ficou mais uma vez gritando sobre o Atlântico que Portugal e Brasil têm uma ponte afectiva, histórica, ética e perene, pela qual hão-de girar sempre os comuns ideais humanos, quer materiais quer espirituais, que têm na própria ancestralidade a mais pura e verdadeira garantia.

O povo português que dispensou ao Presidente Juscelino
Continua na 3.ª Página

Azeite ou Volfrâmio?

Agora até o azeite resolveu hibernar, talvez devido ao mau tempo. Escasseou e com o frio acolheu-se aos potes dos maus abastados e aqueles que vivem à margem de toda a espécie de mercancias comestíveis passam mal, pois com o estômago vazio sentem-se ainda mais frágeis para resistir às intempéries.

Pois quem quizer meio litrinho de azeite terá que forçosamente adquirir meio litro de óleo... Quem quizer azeite tem que guardar óleo.

Se é lei nova a mistura, achamos pouco aconselhável para os estômagos debilitados.

Se este vendaval continua a avassalar a região, vai ser um desatino e no seu rasto seguirão outros artigos de primeira necessidade.

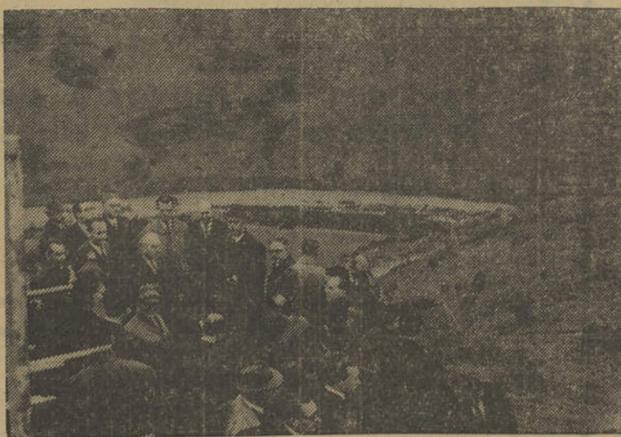
CHUVA

Noutro local damos à estampa o mapa das chuvas, gentilmente fornecido pela Estação Meteorológica da Estação Agrária de Tavira.

Há cerca de um mês que chove quase ininterruptamente nesta região, o que tem prejudicado bastante a agricultura, a construção civil e outros serviços, ocasionando por isso uma crise de trabalho que há muito não se fazia sentir.

As chuvas persistentes no Algarve, habituado a dias de sol como sempre tem estado, modifica bastante o modo de viver da sua gente, que se mostra aborrecida com a impertinência da intempérie.

Actualidades Nacionais



Aspecto da visita do sr. Ministro das Obras Públicas e outras entidades aos trabalhos em Curso da Barragem de Santa Clara, para o aproveitamento hidroagrícola do Mira

Foi brilhante a conferência do Dr. Carlos Picoito

CONFORME já havíamos previsto, dados os excepcionais dotes de inteligência e as invulgares qualidades de orador que possui o sr. Dr. Carlos Picoito, que o seu trabalho



Dr Carlos Picoito

Iho sobre Direito, que iria expor na sala da nossa Biblioteca Municipal, a um público escolhido, redundaria numa brilhante palestra que teve por apoteose a mais vibrante manifestação de aplausos.

Não nos enganamos. Muito embora o conferencista refutasse os aplausos encomiásticos
Continua na 2.ª página

Festividades Religiosas da Semana Santa

Este ano, as festividades religiosas da Semana Santa em Tavira, vão certamente revestir-se de uma pompa invulgar, pois vai ser nomeada uma comissão encarregada de dar maior brilho às referidas solenidades que outrora atraiam à cidade algumas centenas de pessoas.

Tudo será estudado convenientemente de modo a integrar as referidas festividades nas antigas tradições da cidade.

Assim, em colaboração com o Rev. Prior Jacinto Guerreiro Rosa, a Comissão Municipal de Turismo procurará ajudar a organizar o programa, no que respeita não só às procissões como também à ornamentação dos templos nos dias festivos.

TROVA

A tua saia de roda
fica-te tão bem, Maria.
Só para andares à moda,
Não a dispas qualquer dia...

V. P.

DESPORTOS DE INVERNO

Que cada estação tem os seus desportos favoritos, já o sabemos os garotos da rua quando marcaram épocas propícias aos seus papagaios, eixo, berlindes, etc.

Como as crianças, mesmo quando se não nimbam de vistosa auréola de jogadores de profissão, todos, mais ou menos, têm o hábito de se dedicarem aos jogos preferidos, de

vezes não menos pueris que os actividades físicas ou mentais, às brincadeiras dos romanos: jogos de nozes, de arco, da bola e outras infantilidades que entretinham os graves patricios. A estação desportiva por excelência parece o Inverno. O frio estimula a actividade, embora o contestem os hibernantes.

Assim, todos, mais ou me-

Continua na 3.ª página



ALGUNS alunos desta Escola, começaram a copiar os chamados «raminhos», isto é os motivos esculpidos em algumas cantarias das residências de Tavira. Desta forma, ficará organizado um arquivo de tão interessantes trabalhos de arte popular, de que a nossa linda cidade é tão rica. Orienta este trabalho, a sr.ª D. Maria José de Brito, competente professora de desenho.

O prazo normal de pagamento de propinas termina no próximo dia 5 de Fevereiro.

O júri incumbido de classificar os Presépios feitos pelos alunos último Natal, colocou em 1.º lugar, o Presépio construído pelos alunos do 2.º turno da 3.ª turma do 2.º ano.

A verba orçamental atribuída para a manutenção da Escola, durante 1963, é de 709.200\$00.

OS Centros da Mocidade Portuguesa masculina e feminina em funcionamento nesta Escola, concederão para o ano lectivo decorrente, bolsas de estudo a alguns fillados que carecem de meios económicos para continuarem a estudar.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Legislar, é fácil! Quanto ao cumprir...

COMO é bem do conhecimento dos leitores' Diogo Cão, por volta de 1482, descobre o Congo, colocando até um padrão, o de São Jorge, à entrada do Rio Zaire, hoje mais conhecido pelo Rio Congo, na bacia do qual fica o ex-Congo Belga. Durante vários anos, os nossos navegadores foram descobrindo terras, sempre mais além, e esse Padrão, outros e as terras que elas marcavam, foram ficando pouco mais que abandonadas.

por José Rebelo

Poderemos afirmar, que durante muitos anos a África andou pouco mais que despessada. Só na segunda metade do século XIX, mercê, de novo, do trabalho, de vidas e dinheiros de portugueses, tais como: Poderoso Camilo, (1832), R. da Graça, (1847), Silva Porto, Serpa Pinto e Capelo e Ivens, é que ela começou a ser conhecida.

Aparecem então os exploradores estrangeiros, começando a cobiça e o ódio.

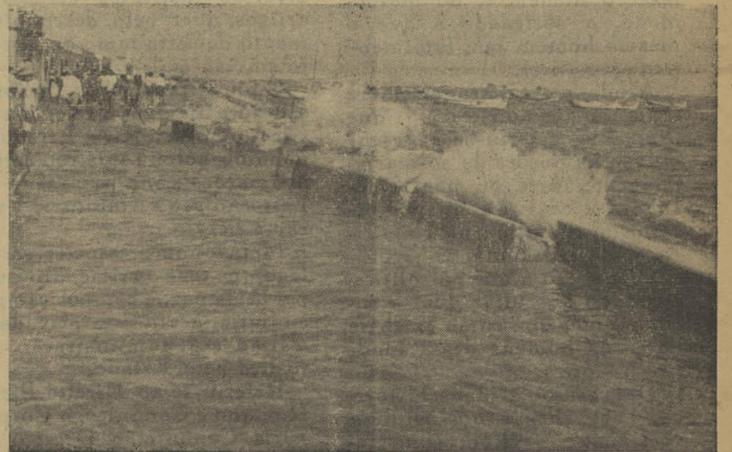
Por volta de 1876, o rei dos Belgas, Leopoldo II, dizendo,
Continua na 2.ª Página

A povoação de Cabanas

Viveu horas de ansiedade sob a pressão do vendaval

O vendaval que tem assolado o Algarve nos últimos dias, além de pôr em risco as tripulações dos salva-vidas de Tavira e Vila Real de St.º António, conforme já noticiou a grande Imprensa e a rádio, também marcou a sua indesejável presença na já mártir população de Cabanas.

As rajadas de vento ciclónico puseram em sobressalto a



A povoação de Cabanas sob a acção dum vendaval

população de Cabanas nas noites de 23 e 24 do corrente, pois o mar enfurecido que já

tem galgado parte do arraial da armação da Abóbora e que
Continua na 3.ª página

Festas de Tavira

Já nos chegam rumores sobre a organização das grandes e famosas Festas de Tavira, a realizar em Agosto.

Dentro de breves dias será convocada uma reunião para a organização das respectivas comissões.

O Provedor da Misericórdia de Tavira está organizando o programa para na devida altura submetê-lo à apreciação.

Tudo nos leva a crer que as Festas da Misericórdia de Tavira, a realizar no corrente ano, hão-de certamente marcar mais uma vez pela beleza dos seus programas e pelo ineditismo dos seus números.

Falta de Batatas no Mercado Municipal

Já há tempo que a batata desapareceu do nosso Mercado Municipal.

Até parece que estamos atravessando um período de guerra e que o mercado negro entrou em acção.

Quem quizer obter um quilo de batatas só por especial favor e por 3 ou 4\$00.

Será também por causa da chuva que as batatas desapareceram? Se calhar foram em busca do bacalhau, o fiel amigo que também se sumiu.

Por agora estamos privados de lutas com elas e rogamos a Santa Marta que faça o milagre do bacalhau com batatas.

De Angola

A Companhia n.º 372 de Caçadores Especiais saúda Tavira nesta carta endereçada ao sr. Presidente da Câmara

Ex.º Sr. Presidente da Câmara

DE terras portuguesas de Angola permite-se a Companhia de Caçadores Especiais n.º 372 enviar a V. Ex.ª e a toda a população da cidade de Tavira os mais sinceros desejos de paz e felicidade.

Há já quase dois meses que, para cumprimento da missão sagrada de defender o solo pátrio que olhos estrangeiros cobiçam olvidando completamente os nossos direitos históricos seculares e olvidando mais ainda que a voz do sangue, resultado da fusão de várias raças, nos impele a combater toda e qualquer tentativa de agressão, dizia, há quase dois meses que saímos da cidade que nos al-

Carnaval de Loulé

Iniciaram-se já os trabalhos para a organização do grande Corso Carnavalesco que há-de transitar na avenida louletana.

Interrompido em sinal de luto pela tomada da Índia Portuguesa, este ano, o já famoso e tradicional Carnaval de Loulé, vai de novo brilhar sob o céu azul do Algarve, acenando aos turistas como cartaz colorido digno de ser apreciado.

Foi brilhante a conferência do Dr. Carlos Picoito

Continuação da 1.ª Página

cos que lhe dirigimos — tomando-os apenas como fruto duma velha e sã amizade — a verdade, porém, é que o seu trabalho que foi escutado pela assistência com religiosidade, onde não se ouvia o mais leve susurro, em que todas as atenções estiveram durante cerca de uma hora como que presas, absortas, no seguimento da sua oratória fulgurante.

Quiz o conferente aproveitar mais este ensejo de falar ao público culto da sua terra, para dirigir algumas palavras de muita estima e apreço ao nosso Director, seu velho professor, evocando seu falecido irmão, o poeta Isidoro Pires e a saudosa memória de seu pai, gesto que nos sensibilizou profundamente e que só pederia esperar de um velho e querido amigo, desse moço inteligente em quem puzemos todas as esperanças de que um dia, na sua carreira de advogado, viria a marcar um lugar de relevo.

Apraz-nos pois, por isso, vincar em tão saudoso momento, o nosso público agradecimento ao Dr. Carlos Picoito.

Nas nossas embora descoloredas apreciações à sua palestra notável realizada na noite de 18 do corrente, na velha Sala de Despacho da Misericórdia acerca de «Considerações sobre Necessidade, Fundamento e Evolução do Direito», registamos:

Começou o Dr. Picoito por pretender demonstrar a necessidade da existência do Direito, para regular as relações entre nós, homens, como seres sociais, vivendo necessariamente em sociedade e não como Robison Crusoe, na sua ilha de fantasia.

O Direito surgiu para proteger o homem e, do mesmo modo, a sociedade a que o mesmo homem tem fatalmente de pertencer.

Ainda nesta parte e sempre tentando demonstrar o que pretendia, referiu-se e desenvolveu as noções de solidariedade mecânica ou por semelhança e orgânica ou por direito de trabalho, na classificação de Durkeina.

Remontou à era paleolítica, tentando auscultar qual a solidariedade que então existiria entre os homens dessa idade pré-histórica.

Daí, passou à idade histórica, para chegar aos nossos dias. Referiu-se e citou, transcrevendo os professores Fezas Vital e Rui Ulrich e o escritor Domingos Monteiro; apontou Romulau e Haber e as concepções de alguns deles sobre os diversos casos postos em foco.

Finalmente, citou ainda Miceli e os dois sentidos que ele, no seu «Direito Constitucio-

bergou e acarinhou durante mais de quatro meses.

E a esta distância no espaço e no tempo recordamos a inesquecível noite de 21 de Novembro de 1962, em que a população da cidade de que V. Ex.ª é mui digno representante, não quiz deixar de nos testemunhar a sua estima e admiração.

Gente boa, da melhor da terra portuguesa, a gente de Tavira.

Ainda temos bem viva a lembrança das ruas da cidade, da Estação do Caminho de Ferro, que nessa noite se encheram de povo que com a fé em Deus, bem própria de portugueses, elevaram as suas preces aos Céus, verteram lágrimas sem conto e que vibraram de ansiedade, e tudo isto... por nós.

Senhor Presidente nós tudo agradecemos a V. Ex.ª e ao povo da «Princesa do Gilão». E, já de terras sagradas de Angola, prometemos sob palavra de militares que o nosso dever será cumprido, que a população de Tavira se há-de orgulhar de ter albergado dentro dos seus muros esta Companhia, nem que isso tenha de ser à custa dos maiores sacrifícios, e as forças que nos não-de ser necessárias ser-nos-ão dadas pela fé em Deus, pelo amor da Pátria e pela lembrança da Gente de Tavira.

Cabinda, 19-1-63

A Companhia de Caçadores n.º 372

nal» dava à sociedade: — um amplo e outro restricto, terminando esta parte por afirmar: «O Direito surgiu por verdadeira necessidade, para regular as relações entre os membros de uma Sociedade, para defender cada individuo das prepotências dos outros, para deixar de imperar a força, o poder do mais forte.»

Passou depois ao «Fundamento do Direito», começando, desde logo, por fazer a distinção entre a regra jurídica e toda e qualquer outra norma de conduta, social, moral, religiosa, de cortesia, etc.

Neste capítulo — chamemos-lhe assim — reviu a concepção que nos tempos primórdios da época histórica tinham do «Fundamento do Direito» diversos povos, para os quais e em grande número, «o Direito constituía uma parte da religião, o seu fundamento era, assim, Divino».

A seguir, referiu-se, analisou e comentou a doutrina dos direitos individuais naturais e as doutrinas do direito social ou doutrinas solidaristas, citando, a propósito, Locke, Gladston, a Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão de 1789, Léon Duguit e o seu «Traité de Droit Constitutionnel», e ainda Henri Michel, para terminar, dizendo que o direito tem o seu fundamento na existência do homem, mas como ser social que é, o mesmo homem tem de sofrer restricções nos seus direitos, mas na medida e só na medida em que, como ser social, vivendo em sociedade, tais restricções forem necessárias.

Por último, falou da «Evolução do Direito», procurando analisar a mesma através dos séculos, quer pelo confronto de diversos institutos actuais e artigos, quer pelo desenvolvimento de certo ramo de Direito em especial.

Citou e transcreveu Ihering; aludiu a Lavigny; referiu-se a Cícero e o seu «De Legibus», apontou Sólon; ilustrou certas afirmações com passagens de Festo no seu «Ambitus», Varão e Sérvio.

Mencionou o character sacrilego que teve o crime, aludiu à perda da paz, à composição pecuniária, à vindicta privada, a Talião e à administração da justiça pelo Estado.

Referiu-se ao Direito Penal Romano e Canónico, o Corpus Juris Canonici, o Decreto de Graciano, as Decretais de Gregório IX, e as Clementinas, tudo na sequência da «Evolução do Direito».

E, ainda nessa parte teve ocasião de citar Demóstenes e Assístofanes, as Institutas de Justiniano e Gaio, sobre o direito de successão na Grécia e em Roma, para finalmente observar a evolução do Direito Romano, com a citação do Digesto onde solenemente se estabeleceu: «Libertas est naturalis facultas et jus quod cuique faces et libet, nisi si puid vi ant jus et prohi betitv».

E depois de outras considerações, terminou a sua palestra com as seguintes palavras: «Podem as técnicas progredir enormemente, pode toda e qualquer outra ciência atingir um desenvolvimento jamais previsto, que o Direito continuará, indiferentemente a sua rota e missão, caminho sublime, missão sacrossanta, caminho e missão que serão eternos se eternamente viver o homem. E enquanto houver homens lá estará o Direito, lá estará a força enorme, incomensurável dessa ciência de que sou apaixonado: — O Direito.

Mais uma vez felicitamos o Dr. Carlos Picoito pelo seu brilhante trabalho.

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-3.º

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

Lusitano 2 — Olhanense 0

A equipa do Olhanense, na sua primeira visita a Évora, nesta época, embora batida por duas bolas a zero, deixou óptima impressão. Se bem que o marcador lhes fosse desfavorável logo na primeira parte do encontro, os algarvios nunca renunciaram à luta, desenvolvendo o seu jogo, deram à partida um cunho de muito interesse. Os golos do vencedor, obtidos de forma a não atribuir quaisquer responsabilidades ao guarda da equipa de Olhão, foram obtidos com certa dose de felicidade, conquanto se tivesse reconhecido a sua superioridade durante grande parte do encontro.

Tenhamos em consideração a invencibilidade do Lusitano de Évora na totalidade de jogos até agora disputados no seu campo. O «placard» tem de considerar-se por isso, certo.

Campeonato Nacional da II Divisão

Oriental 2 — Portimonense 1

Conclusões que poderemos tirar desta partida: ganhou o que menos jogou para o merecer. O vencido, o grande vencido, sem exibir o seu melhor jogo (que estava ao seu alcance), quase surpreende o seu adversário, o que não aconteceu por estar em «dia não», pelo menos na materialização de golos, pois tècnicamente foi superior ao onze lisboeta.

Farense 3 — Lusitano 2

Este encontro entre «verdes» de Faro e «encarnados» de Vila Real de St.º António, teve as suas peripécias. A equipa da casa, depois de estar a vencer por 2-0 veio a conseguir a igualdade, mercê da enérgica e valorosa reacção dos visitantes. Mas... lá diz o velho ditado «guardado está o bocado...» o Farense acabou por obter o 3.º golo já no limiar da partida, arrecadando assim os preciosos 2 pontos.

Cremos que os lusitanistas ainda hoje perguntarão como «aquilo» aconteceu.

Silves 2 — Montijo 1

Houve festa rija em Silves; o caso não era para menos. A perder por 1-0 no final da primeira parte, quando muito boa gente (incluindo os totobolistas) previam mais um resultado nulo ou desfavorável à equipa da casa, eis que se assiste a uma autêntica reviravolta tanto no jogo produzido como no marcador. Trata-se da primeira vitória da equipa algarvia desde que ingressou na II divisão e disputa o actual campeonato.

Jogos para hoje:

I Divisão

Olhanense — Belenenses

II Divisão

C. da Piedade — Silves
Montijo — Farense
Lusitano — Peniche
Portimonense — Torreense

J. C.

TOTOBOLA

20.ª Jornada 3/2/63

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Olhanense — Académ	1
2	Benfica — Belenenses	1
3	Cuf — Lusitano	x
4	Setúbal — Barreirense	1
5	Atlético — Sporting	2
6	Leixões — Guimarães	1
7	Covilhã — Beira-Mar	x
8	Ac. Vizeu — C. Branco	1
9	Oliveirense — Varzim	x
10	Salgueiros — Leça	1
11	Lusitano V. R. — Luso	1
12	C. Piedade — Farense	x
13	Silves — Torreense	2

Jorge Cruz

Legislar, é fácil! Quanto ao cumprir...

Continuação da 1.ª página

desejar combater o tráfico dos escravos, funda a Associação Internacional Africana, mas acabou por criar uma zona de influência belga, na bacia do rio Congo. Ocupa, então o território português de Vivi, ocupando igualmente outros territórios, com o maior desrespeito, não só dos nossos direitos mas também o de outras potências europeias, que tinham possessões em África.

Em 1885, na conferência de Berlim, substituiu-se a Associação Internacional pelo Estado Livre do Congo. E assim duma maneira ilegal, estavam os belgas no Congo.

Dizia-se então, e assim era, que todos os que tivessem possessões em África, teriam que manter uma ocupação efectiva que fizesse reinar a ordem e a paz.

Isto é claro, disse-se, quando havia vergonha, e os Homens se respeitavam bem como as Nações.

Os anos passaram e por volta de 1908, o Rei dos Belgas doou o Congo à sua Bélgica.

E o Congo era riquíssimo. E as suas riquezas agrícolas, eram o café, cauchu, cacau, oleaginosas, algodão, cana de açúcar, a quiquina, o sisal, o copal, frutas e sessenta por cento do país, é coberto de florestas que fornecem grande quantidade de madeira.

O subsolo do Congo, particularmente o do Catanga, e aqui é que a porca começa a torcer o rabo, é imensamente rico e o seu clima é o melhor de toda a África, para a fixação de europeus. Pouco quente e muito mais salubre que o resto da África equatorial, ficando numa região de planaltos, no sul da bacia do Congo.

Durante anos era inhospita, e só habitada por tribos selvagens. Porém, há cerca de quarenta anos a esta parte, ao ser descoberta a sua riqueza mineral, viu-se que é uma das mais ricas regiões da África. Assim; a sua maior riqueza é o cobre, (um quinto no Mundo); diamantes, no vale do Cassai, (55% do Mundo); rádio, (nove décimas do rádio do Mundo); ouro, carvão, urânio, tungsténio, cobalto, manganés, platina e rios importantes, para transformação em hulha branca. Hoje, em volta da sua capital, Elizabethvill, e em Panda-Licasi, há centenas de altos-fornos e altas chaminés, fazendo lembrar a quem as vê as cidades-cogumelos, dos Estados Unidos.

E com o decorrer dos anos, e como os belgas vissem que o rendimento que o Congo lhes dava, era de pouco mais de sete por cento, abandonaram-no e deu-se o que se chamou a independência do Congo, isto em Junho de 1960.

Nessa data já Tschombé era conhecido, na sua terra. Convidaram-no para fazer parte do governo central de Leopold-

ville, mas ele, avaliando já o que se viria dar, isto é, a caótica situação do Congo, não aceitou. Mais tarde, porém, pede a separação do Catanga, o que consegue, para satisfação daqueles catangueses, que, nele viam um prestigioso Chefe. Sabiam-no filho dum africano inteligente e trabalhador, que muito tinha contribuído para a valorização da sua terra, e que pelo seu trabalho e tacto, conseguiu ser o primeiro milionário congolês.

Foi ele, que vendo que a sua terra era rica, necessitava de obreiros, então, dando o exemplo e convencendo os chefes das tribos, auxiliaram os belgas, não tardando que a exploração das minas de cobre, cobalto, ouro e outros metais, fosse uma realidade, proporcionando aos catangueses um óptimo nível de vida.

O agora destronado Moisés Kapenda Tschombé, conhecido pelo seu povo, por Moisés Amado, ou seja o nome na língua nativa, tem agora 43 anos e continua a ser o homem da popularidade entre os seus compatriotas, embora isso muito custe aos mandatários dessa O. N. U. procurar a razão de tal manobra ou quais os interesses porque alguém, que não quer armas ao pé da porta, as vai levar aos capacetes azuis, é coisa que os leitores, certamente não sabem, abertamente, mas que muito lá no fundo, sabem e bem, onde se pretendeu chegar.

Convém também recordar, que a O. N. U. substitui a antiga Sociedade das Nações e que foi fundada em 1944, sendo constituída pelos estados que aceitaram cumprir as obrigações previstas na Carta. E a carta diz, «que os fins da nova organização, são os seguintes: manter a paz e a segurança mundial; realizar a cooperação internacional nos domínios económicos, social, intelectual e humanitário. E os meios, segundo a carta, são: o recurso a providências colectivas, no sentido de reprimir ou de prevenir qualquer ruptura da paz, ou qualquer ameaça contra ela; o regulamento, segundo os princípios do direito internacional; o respeito do princípio da igualdade dos direitos dos povos e do seu direito de dispor de si próprios; o desenvolvimento dos direitos do homem e das liberdades fundamentais para todos sem distinção de raça, de sexo, de língua ou de religião».

Comentários? para quê? Que cada um tome para si a parte e da forma que o desejar.

Perdeu-se

Uma luva de cabedal entre a Luz de Tavira e Meia-Araia.

Pede-se a quem a achou o favor de a entregar no café da Luz.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Desportos de Inverno

Continuação da 1.ª Página

nos, temos passado as últimas semanas em jogo obrigatório, fazendo vida de fundo de aquário, com tirocínio para mujinho do rio. O treinador — a chuva — de vez em quando concede-nos curto recreio para em seguida voltar à carga. Se não volta, de «quesilenta, aborrecida, morredica», passou a apodá-la de «água de misericórdia, chuva de ouro» e outros títulos capazes de fazer crescer água na boca do céu mais austero e seco de nuvens.

Mas os desportos de Inverno constam de variedades sem conta. Não se fala aqui dos jogos sobre a neve. O Algarve não a vê, além da que, em pétalas de flores, cobre a amendoeiras. Então sai-se para ir vê-las. Por vezes, bárbaramente (jogo proibido), arranca-se galhos floridos, deixando a árvore esvaciada nas hastes baixas e o dono, com muita razão, mais furioso que as três Euménidas todas juntas.

Em vez de ir ver as amendoeiras, ou semanas depois, pode-se variar, indo passear à Mata de Santa Rita. Vai-se, em geral, de carro; e, para se cacarejar, à volta, a respeito da grande fazanha (como o soldado de Ceuta que gritava para os outros: Já cá vai o da Albergaria!), traz-se o carro engalanado de cachos de flores de ouro. Parece que há pessoas alérgicas que não suportam o pólen daquelas flores. É lá com elas. Quem vai à Mata precisa trazer o troféu, como se fosse à caça e se enfeitasse com um cinturão de galinholas, embora a cartucheira voltasse intacta.

As mascarações e rusgas nocturnas também se consideram muito desportivas. As mascarações consistem em: pedir vestimentas à prima, à comadre, à amiga, à dona a quem se volta a cara nos outros dias do ano e entrouxar-se com disfarce incrivelmente absurdo mas em todo o caso não fugindo ao estilo do branco é, galinha o põe. Depois de ter tapado a cara descobrir todas as inconveniências e pantomimices, correr, agarrar, ser agarrado (ou agarrada). Trazer para casa a fatiata rasgada e enlameada. Atirar para o canto. Quando a dona, farta de esperar a restituição, timidamente a fizer lembrar, entregue-se os farrapos tal como estão e com a mesma vontade com que se entregaria ao Judeu uma libra de carne cortada rente ao coração.

Também há quem se não mascare e vá só ver, passar a noite e dar à língua (tagareling é desporto de todos os tempos e países), comer ceias pantagruélicas, deitar-se ao romper da alva. Começar o dia azoínado, com ar de carrasco acompanhado de improperios da vítima, deitando em cara a fadiga e sono que se angariaram na véspera.

O xadrês, pelas situações interessantes a que conduz o jogador e porque cultiva o engenho e a inteligência, devia ser praticado por todos que disponham de tempo para matar. Tem poucos adeptos. Preferem-se as cartas e joga-se desafortadamente, fazendo um escarcéu por coisa nenhuma e agatanhando tudo e todos por dois tostões que, ganhos ao jogo, se alapardam de mais importância que dois contos de réis.

Outras variantes desportivas, para quem tem mais testa, e dinheiro ou gosto: contar os tostões e consultar preços para um fim de semana nas Penhas da Saúde. Olhar cubitosa e demoradamente os folhetos do turismo, com gravuras da Junqfrau, S. Moritz, Alpes bávaros, Deauville. A vontade é muita; os tostões, poucos. Será para o ano que a

A povoação de Cabanas viveu horas de ansiedade sob a pressão do vendaval

Continuação da 1.ª Página

em frente daquela povoação já de há tempo, por acção dos vendavais, abriu uma barra, bateu de encontro ao já destruído cais e a algumas habitações demolidas a nascente.

Receando qualquer precalço a Corporação de Bombeiros Municipais prontamente acorreu ao local apta a agir em caso de emergência.

O activo Comandante da Corporação sr. José Filipe Ribeiro, permaneceu ali nas madrugada de 24, 25 e 26 do corrente com todo o pessoal disponível e material necessário. Também ali se deslocou o sr. Francisco Martins, administrador do concelho e vice-presidente do Município, a fim de presenciar o estado do tempo e tomar as providências que fossem necessárias em caso de emergência.

Em virtude dos candeeiros a petróleo de iluminação pública terem sido quebrado pelo vento, foram tomadas as necessárias medidas para evitar que a povoação, na hipótese de uma possível invasão do mar não ficasse na escuridão, foi ali propositadamente colocado um gerador eléctrico.

Isto só vem comprovar mais uma vez o que se tem dito sobre o eminente perigo em que vive a população de Cabanas, quando fustigada pelos vendavais.

Muito embora o Governo tenha tomado algumas providências que é justo reconhecer, urge todavia tomar medidas para evitar que o mar acabe por galgar toda a povoação.

Trata-se de um importante centro piscatório, o primeiro na pesca do polvo do Algarve, que merece toda a atenção do Estado.

Já há muitos anos que vimos chamando a atenção das autoridades competentes para o caso.

Oxalá que em face dos acontecimentos este problema seja tratado devidamente.

Assinal o "Povo Algarvio"

viagem, e talvez a decepção, se efectuam...

Se o frio racha, o melhor é rachar lenha, donde se diz que «está frio de rachar».

Os pobres também se deliciam com os desportos de Inverno ao seu alcance: o futebol, as corridas, o chinquillo movimentam e entusiasмам. Ou, se não, ir à Gulbenkian buscar livros e, no recanto dum divan ou no fundo duma cadeira, abre-se o livro.

— Para que se há-de lamentar não poder viajar, se tudo, através do livro, nos vem ter à mão? — dizem eles.

E ali estão, entrando pelo quarto dentro: É Baragan, com o bramir do crivat, o Cairo onde as palmeiras esbracejam sob o céu carmezim, a China, a Alaska, os Hamuli, o Henrique VIII, a Dama das Camélias... É o fundo do oceano e são os voos espaciais, segredos de poetas, bizarras de artistas...

Mas o melhor dos desportos de Inverno, o que ganha diploma, palma de ouro e óscar, é o das mães de família, tecendo e ponteando a roupa que aos seus há-de livrar do frio nas voltas do dia e no descanso na noite; ou o do pai que traz da repartição papela-da à farta e entre ela se queda formando colunas de algarismos, alheado de tudo. É distrai-se? — Sim, às vezes. Distrai-se a pensar na educação dos filhos, nos anos que passam e o descanso que tarda, sem se lembrar de que ele trará a velhice e a saciedade, o que torna o homem inapto para todos os desportos.

Noticias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria de Lourdes Ascenção Aboim Contreiras Lopes, D. Isaura Domingues, D. Maria Silva Leiria, D. Susete Crisóstomo dos Santos, D. Maria Fernanda do Nascimento e os srs. José Crisóstomo Leiria, João Valério Crisóstomo Bandeira Carvalho e José Dácio Correia de Matos.

Em 28 — Srs. Manuel Joaquim Vaz, João Pedro Maldonado Junior e menina Inês de Fátima Peres de Mascarenhas.

Em 29 — D. Maria Natércia Regato Tenudo, meninas Maria Ofélia da Costa Oliveira Bomba, Maria Helena Romeira Guerreiro, menino Joaquim António Viegas Trindade e os srs. Manuel Francisco de Brito e Patrocínio da Encarnação Revez.

Em 30 — D. Susana Germaine Arnaut Pombeiro, D. Maria Judite Palmeira Neto Lopes, D. Maria José Pires Faisca e os srs. Dr. Renato Mansinho da Graça, Júlio Martinho da Piedade Mendes e Rogério Fernandes Teixeira.

Em 31 — D. Maria da Graça Almodovar Bernardo, D. Maria de Lourdes de Sousa Pires, D. Maria da Natividade Fernandes Pádua Palma, D. Maria do Carmo Pereira, meninos Luis Manuel da Cunha de Carvalho Moraes, Fernando Manuel Campina Guerreiro e Victor Quaresma.

Em 1 — D. Maria Euridice Salgueiro Paula Ramos e o sr. Capitão José Inácio da Conceição.

Em 2 — D. Etelvina Caleça Ribeiro, D. Ana Pires Amaro, meninas Maria Clara Rodrigues de Carvalho, Matia da Purificação Januário e os srs. Eng.º Rui Maria Palermo Ferreira, Francisco Frederico Bento e David das Chagas Barros.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa e filhos encontra-se nesta cidade, vindo das nossas provincias ultramarinas onde esteve prestando serviço, o sr. Major António Mendes Baptista.

— Tem passado uns dias nesta cidade, o sr. Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo, nosso prezado assinante em Lisboa.

— Vimos nesta cidade o sr. Dr. João Centeno, distinto advogado em Lagos e nosso prezado amigo. — Regressou de Sevilha, acompanhada de seu esposo, Madame Assunção, cabeleireira, onde foi visitar alguns cabeleireiros espanhóis.

Doentes

Tem passado incomodada de saúde a sr.ª D. Gualdina Cabreira, viúva do sr. Dr. António Cabreira.

Também tem estado doente o sr. Francisco de Assis Leiria, nosso prezado assinante.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Necrologia

José Silvino Tibúrcio da Costa

No dia 29 do corrente, faleceu no Hospital desta cidade, o sr. José Silvino Tibúrcio da Costa, de 36 anos, casado com a sr.ª D. Bertília da Ascenção Guerreiro de Sousa.

D. Ermelinda Silva Pereira

No dia 24 de Janeiro, faleceu nesta cidade, no Hospital da Misericórdia, a sr.ª D. Ermelinda Silva Pereira, de 51 anos, viúva, natural de Tavira.

A falecida era mãe da menina Ana Maria Pereira Peres.

Joaquim Ferrobrás

No dia 19 do corrente, faleceu nesta cidade, o sr. Joaquim Ferrobrás, viúvo, marítimo, de 78 anos de idade, natural de Tavira.

A's famílias enlutadas endereçamos sentidos pêsames.

A C.P. e o Prémio «Governador Geral de Angola»

Tendo hegado ao conhecimento da Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses a louvável iniciativa dos Transportes Aéreos Portugueses relativa à instituição do prémio «Governador Geral de Angola» segundo a qual é facultado o transporte gratuito desde Luanda até ao Aeroporto de Lisboa de elementos que praticarem actos de heroísmo ou de abnegação excepcionalmente relevantes naquela provincia ultramarina, o Conselho de Administração da C. P. deliberou promover, em seguimento da referida iniciativa, o transporte gratuito dos beneficiários daquele prémio entre Lisboa e a estação mais próxima das localidades a que se destinem.

Empregado

Oferece-se, com muita prática, para Livraria, entre Faro a Vila Real.

Resposta a Isaurina Maria Pereira Coutinho, Maragota — Correio da Fuseta.

pela CIDADE

Teatro António Pinheiro —

— Espectáculos da semana Hoje apresenta, para maiores de 17 anos *Mulher 3 Vezes* com Sylva Koscina e German Cobos. Em complemento, *Vidas à Margem* com Micheline Presle e Raymond Pellegrin.

Quinta-feira, para maiores de 12. *Jerry no Grande Hotel* com Jerry Lewis. Em complemento, *Perdido em Paris* com Bing Crosby e Claude Dauphin.

Sábado, para maiores de 17 *Interno para a Eternidade* com Junfrey Hunter e David Janson. Em complemento, *É Bom Gostar de Alguém* com Elsa Aguirre, e Armando Calvo.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

II Salão de Arte Fotográfica do Centro Escolar N.º 7 da Mocidade Portuguesa

Tem despertado grande interesse a noticia da realização do II salão de arte Fotográfica do Centro Escolar n.º 7 da Mocidade Portuguesa (Escola Técnica da Régua), que, como o anterior, há-de resultar em êxito.

O tema proposto, para fotografias a preto e branco e diapositivos, é «Alerta, por Portugal: 1) — Em terra; 2) — No mar; 3) — No ar».

O Centro organizador envia regulamentos a quem lhos solicitar.

Tribunal Judicial

Comarca de Tavira

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que no dia 29 do corrente mês de Janeiro, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, e na carta precatória vinda da comarca de Olhão, extraída dos autos de execução de sentença em que são exequente Irene Trindade dos Santos Azevedo e executado Paulino Gago das Neves, viúvo, comerciante residente nesta cidade, há-de ser posta em praça, pela primeira vez, para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, uma máquina de escrever, marca Royal, em bom estado.

Tavira, 5 de Janeiro de 1963

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Escrivão de Direito

João Faustino Nuno Gonçalves

Brindes

Da acreditada fábrica de máquinas de costura portuguesa «Oliva» recebemos a gentil oferta de 6 blocos de apontamentos para o ano de 1963.

Os nossos agradecimentos.

CRIADA

Oferece-se, com 20 anos, alguns conhecimentos de cozinha e outros serviços, tais como: limpezas, etc.

Dirigir correspondência a S. V. Mariano — Maria Vinagre — Odemira.

VENDE-SE

Propriedade rústica no sítio da Capelinha.

Dirigir propostas até 31 de Janeiro a Eng.º José Mansinho da Graça, Praça do Príncipe Real, 6-2.º-Dt.º — Lisboa.

Vende-se

Prédio urbano em Tavira com os n.º de policia 31 e 33 da Rua Dr. Parreira e 66 a 70 da Rua José Pires Padinha.

Dirigir propostas até 31 de Janeiro, a Eng.º José Mansinho da Graça, Praça do Príncipe Real, 6-2.º-Dt.º — Lisboa.

A transcendência da comunidade Luso-brasileira

Continuação da 1.ª Página

no uma apoteótica recepção quando ele nos veio oficialmente trazer como representante Maior do Brasil o abraço oficial da querida Nação irmã, recebeu agora na sua viagem particular de simples cidadão brasileiro o mesmo carinho, o mesmo entusiasmo com que a terra Lusitana recebera o Chefe da Grande Nação irmã. É que não é preciso que um brasileiro ou um português tenham relevantes cargos políticos para que um abraço entusiástico os una como membros da mesma família. O português humilde ou o brasileiro de condição mais modesta não sabem explicar-se noutra linguagem, não sabem cumprir-se noutra idioma que não seja o da fraternidade. Todo o português, todo o brasileiro têm no fundo do coração o mesmo sentimento de amor recíproco, porque afinal na distância da sua árvore genealógica há invariavelmente o ramo onde beberam a seiva da vida.

Contemplando a força desta amizade, compreensão e simpatia que, dita nas sábias e preclaras palavras de um Ministro ou na modestia cativante de um abraço ou cumprimento dum camponês, encerram âmaço o mesmo conteúdo de sinceridade e desejo de viver lado a lado com os irmãos brasileiros, o Dr. Kubitschek de Oliveira entre tantas expressões que dignificam a nossa Pátria disse: «A realidade histórica e sentimental» «a amizade Luso-Brasileira é um tesouro concedido por Deus».

Um tesouro concedido por Deus, certamente, e tão verdadeira é esta afirmação que esse tesouro da amizade Luso-Brasileira, é transcendente rumo onde os dois Países se vão encontrar para descobrir novas e melhores perspectivas sociais para os respectivos povos. Melhores perspectivas, não remotas, mas a curto prazo. A entrada do Brasil, desse amigo querido e inseparável, para o Conselho da O. N. U. é uma certeza de reconhecimento dos direitos portugueses. Não se podem esquecer para além dos horizontes actuais, aqueles que o ilustre senador brasileiro nos quer rasgar ao dizer que do aspecto sentimental da Comunidade Luso-Brasileira não é difícil até será breve e lógico, passar-se a uma comunidade económica. A viagem do Dr. Kubitschek de Oliveira a Portugal, apesar da sua forma particular reveste-se de um alcance e de um valor que se pode considerar transcendente. Absolutamente convencido de que Portugal e Brasil não podem viver separados, o antigo Presidente continuará agora, como antes, a lutar não só pelo engrandecimento do Brasil como pelo engrandecimento do seu irmão Portugal. Grande e feliz resultado para nós a visita do senador Juscelino Kubitschek de Oliveira.

VENDE-SE

Uma propriedade no sítio da Mesquita, conhecida pela «Palmeira».

Quem pretender dirija-se a Nuno Falcão Ponce, Rua dos Lusitadas, 64-2.º-Dt.º — Lisboa - 3.

VENDEM-SE

Duas courelas de terra de semear com diverso arvoredo, denominadas «Val da Junqueira» e courela das «Figueiras», no sítio da Corte do Peso, freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo, e um prédio com 1.º andar, na Rua Borda d'Água da Asseca, com os n.º 12 e 14, em Tavira.

Tratar com Joaquim Eduardo Fernandes, Rua 5 de Outubro, 27 — Tavira.

PROBLEMAS DO POVOAMENTO

NA vasta problemática que integra a política ultramarina, revela-se um aspecto que poderemos considerar fundamental, já pelas incidências que projecta em outros campos, já pelas suas próprias particularidades; esse aspecto é exactamente o povoamento. Tanto no campo social como no económico, o povoamento constitui-se por uma série infinda de realidades, que poderão alterar profundamente o nível actual dos índices económicos e sociais do País. Aceite que o povoamento pode modificar o curso económico e social da Nação, importa averiguar até que ponto responsáveis, poderão, através dum controle efectivo, e tanto quanto possível actualizado, conduzir o povoamento adentro duma linha de rumo, que além de se integrar na nossa tradicional política Ultramarina, sirva, de forma superior, a necessidade da Metrópole poder resolver o seu problema demográfico num sentido exclusivamente nacional.

por Bernardo Paulo Guedes da Silva

Sessão Cultural na Casa do Algarve, em Lisboa, à memória de Júlio Dantas

DECORREU em ambiente de grande elevação artística o serão cultural realizado no dia 16 do corrente, na Casa do Algarve em Lisboa, pelo Grupo de Cultura Teatral, sob o patrocínio da mesma agremiação regionalista e consagrado à memória de Júlio Dantas.

Foi aberto o referido serão pela leitura de um telegrama da viúva do homenageado, feita pelo presidente da Comissão de Festas da Casa do Algarve, sr. Arnaldo Martins de Brito, que em nome da direcção recordou as qualidades da figura evocada, seguindo-se a leitura, por Carlos César, director artístico do grupo actuante, de um belo capítulo inédito de um livro do Dr. Luís de Oliveira Guimarães, sobre Júlio Dantas, a sair do prelo, capítulo em que se historia a estreia de «A Ceia dos Cardiais», cuja leitura interpretativa constituiu a primeira parte do programa do serão.

Antes, Porém, de se reunirem os três cardeais — Gonzaga (Rui de Matos), Montemorency (Alexandre Passos) e Rufo (Carlos César) — Fausto Correia Leite deu, com ordenação cronológica e penetrante sentido crítico, os passos fundamentais da vida e da obra de Júlio Dantas, como escritor, diplomata e homem de Estado, documentando-as Carmen Iglésias com a leitura de poemas e páginas escolhidas do prosador.

A interpretação da «Ceia» interessou vivamente toda a numerosa e selecta assistência, que tributou no fim aos jovens actores os mais expressivos aplausos.

Após um breve intervalo, representou-se em seguida o «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente, com alguns aligeiramentos do texto, de modo a aproximá-lo mais da compreensão do público, e deve reconhecer-se que Gil Vicente não saiu também diminuído. Todos os interpretes se desempenharam bem dos seus papéis, devendo salientar-se Rui de Matos no «Diabo» e João Pedra Cascais, no «Parvo».

A fechar o programa, Rui de Matos foi igualmente calorosamente aplaudido na sua vibrante interpretação de vários poemas.

Em nome da Comissão de Festas da Casa do Algarve, o sr. Arnaldo Martins de Brito, felicitou, no final, todos os interpretes dos dois actos e pediu que a numerosa assistência premiasse também com os seus aplausos, o sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães, como representante da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais; o sr. major Mateus Moreno, como presidente da Direcção da Casa do Algarve, e o sr. Coronel Sande Lemos, como representante da família de Júlio Dantas, na qualidade de seu parente.

O sr. presidente da Direcção da Casa do Algarve abraçou todos os componentes do jovem Grupo de Cultura Teatral, na pessoa do seu Director sr. Carlos César.

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

GAZETILHA

Frutos da Estação

Janeiro! Ouço miados,
Sobre os beirais do telhado
Há gatos em serenatas,
Que tristes lamentações,
Nas amorosas canções,
Tudo por causa das gatas.

Já vai alta a madrugada
E a acompanhar a balada
Há tenores e sopranos,
Quando a algararra é enorme,
A vizinhança não dorme,
Protesta contra os bichanos.

Não sabem compreender
Que quando se ama a valer
De nada serve o cochicho,
Protestos e outras asneiras...
Pois não pode haver fronteiras
Pró amor de qualquer bicho.

Se pretendem cercar
A liberdade de amar,
Oh! ideias tebianas!
Se é a lei da Natureza...
Em Janeiro, é uma vileza
Proibir o amor das bichanas,

Sem elas não há amor,
E agora os gatos, que horror!
Passam horas desvaidadas,
E, naquele desatino,
Praguejam contra o destino
Das gatas regeneradas.

Pró tareco, fraldisqueiro,
Não há tuar de Janeiro,
Não há canções no telhado.
Agora, armado em masmarro,
Cura ao bortalho o catarro
Sem gatas, morreu o fado!

Desde as mais remotas datas
Que Janeiro é o mês das gatas,
Da chuva e contribuições,
Das amendostras em flor,
Do tuar e do amor
Do frio, das constipações.

Zé da Rua

Banco Português do Atlântico

Temos presente o relatório do Conselho de Administração, Balanço de contas e parecer do Conselho Fiscal, referente ao exercício de 1962. Nestes seus 44 anos de existência o Banco Português do Atlântico tem atingido um nível financeiro digno de registo pois basta assinalar que encerrou as suas contas com um saldo activo de Esc. 12.666.646,616\$03 e um lucro líquido de 35.139.903\$70 e o seu saldo de reservas é de Esc. 262.500.000\$00.

Nestes últimos dez anos o seu movimento tem aumentado consideravelmente conforme se pode observar pelo mapa das contas apresentado.

O relatório foi-nos gentilmente endereçado pelo conceituado gerente da agência de Vila Real de Santo António, sr. Eurico Xavier Furtado Guerra e por ele se vê nitidamente a excelente posição que desfruta aquele importante estabelecimento bancário.

Trespasa-se

Mercearia, na Rua da Liberdade, 77 e 79, em Tavira, por motivo de doença da proprietária.

Trata Rogério Leiria — Tavira.

Uma Carta

Sr. Director

E' desejo de alguns tavirenses amigos da sua terra que o antigo «Passo da Corredoura» seja reposto junto à igreja de Nossa Senhora das Ondas, em substituição do painel de cerâmica, muito apreciável, mas que não condiz com o gosto do edificio onde se encontra colocado e que em nada se parece com as construções que no seu género são tradicionais na nossa terra.

A cidade não ficaria assim sem um exemplar, tão característico, dos seus antigos monumentos locais e ao actual painel seria dada outra aplicação consentânea com o seu carácter moderno.

Agora que a nossa Terra parece ter conhecido um pouco os seus valores arqueológicos, e estar resolvida a aproveitá-los como propaganda turística, muito agradeceremos a V. que permita ao seu conceituado jornal ser o porta-vez desta justa aspiração

Com os nossos melhores agradecimentos e superior consideração, nos subscrevemos

M. G.

Agradecimento

A viúva e família de Joaquim de Mendonça Arrais, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde durante a sua longa doença e a todas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada ou que manifestaram directa ou indirectamente, o seu pesar.

Empresa de Espectáculos Tavirense

Teatro António Pinheiro

S. A. R. L.

Aviso Convocatório

Convoco os senhores accionistas a reunir no próximo dia 14 de Fevereiro pelas 15 horas, em Assembleia Geral Ordinária na sede do edificio do Teatro, a fim de ser discutido e votado o relatório e contas da gerência de 1962 e Parecer do Conselho Fiscal e resolver a venda do teatro.

Não havendo número suficiente de accionistas para a Assembleia Geral funcionar, ficam desde já convocados para nova reunião para o dia 3 de Março do corrente ano, com o mesmo fim, à mesma hora e local.

Tavira 24 de Janeiro de 1963.

O Presidente da Assembleia Geral

Zacarias Guerreiro

Nota da chuva, em milímetros, registada na Estação Meteorológica da Estação Agrária da XV Região Agrícola — Tavira, de 1/1928 a 26/1963 (até às 9 horas)

MESES	ANOS																	
	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Janeiro	3,8	10,5	77,9	23,2	84,0	78,7	5,0	0,0	116,0	182,2	10,9	28,1	143,3	165,0	74,7	65,1	58,5	61,2
Fevereiro	77,9	78,2	27,1	1,8	140,3	53,9	8,4	13,6	143,1	10,5	21,7	27,7	83,0	162,2	20,4	12,4	52,9	0,4
Março	88,4	54,2	37,3	125,8	74,7	41,7	79,5	35,7	100,4	103,5	12,9	33,7	75,1	51,2	125,8	147,3	47,7	34,9
Abril	49,6	28,3	76,5	58,1	14,7	14,3	110,5	23,1	35,0	59,3	46,1	45,9	17,4	116,7	89,5	89,4	45,9	19,1
Mai	26,2	3,5	3,5	6,1	45,1	25,0	3,6	27,9	26,2	1,0	21,5	8,0	24,6	8,0	13,8	21,2	4,3	0,8
Junho	10,6	2,9	24,1	1,2	7,5	0,0	0,0	40,8	20,8	0,2	0,0	26,4	6,6	3,1	5,5	0,0	26,1	0,0
Julho	0,1	1,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,3	0,0	4,4	3,1	0,0
Agosto	0,3	0,0	0,0	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
Setembro	95,7	19,7	2,5	32,9	12,7	1,0	0,0	0,0	0,0	3,0	47,5	34,3	19,8	2,3	29,0	108,1	4,8	0,0
Outubro	0,2	9,6	5,31	90,6	2,8	102,3	0,0	13,8	21,8	126,2	4,3	310,9	97,0	25,0	128,9	28,7	21,2	17,5
Novembro	35,9	69,5	2,25	42,1	104,2	66,5	61,7	57,5	94,2	88,8	12,6	74,3	22,9	131,5	108,5	40,8	63,9	92,3
Dezembro	130,8	55,0	37,5	4,8	147,9	3,29	69,3	74,8	38,7	50,9	143,4	106,3	16,0	21,4	79,8	13,8	26,8	85,3
Totais	519,5	332,6	363,8	368,9	633,5	416,3	336,0	287,2	599,2	625,7	320,3	745,6	506,0	690,7	676,9	531,3	356,0	301,5

MESES	ANOS																	
	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963
Janeiro	35,4	138,6	102,2	17,9	195,0	20,6	30,4	104,5	23,9	137,4	66,4	14,7	97,9	92,8	112,3	29,6	161,7	247,4
Fevereiro	13,4	271,5	130,6	5,2	17,8	78,2	225,6	63,7	39,9	113,3	107,3	31,4	25,4	44,0	195,0	2,3	25,1	
Março	93,2	148,8	16,3	41,1	61,9	71,6	140,5	45,5	101,5	139,6	145,6	63,0	67,3	77,8	101,2	50,4	89,7	
Abril	46,0	8,7	103,1	47,1	10,9	8,2	25,6	86,2	22,3	5,5	59,1	47,7	18,9	21,3	24,8	48,0	11,0	
Mai	33,6	42,4	103,0	1,9	107,4	18,2	35,4	5,2	0,0	33,7	8,3	2,2	6,7	60,6	47,8	49,4	8,3	
Junho	0,0	0,0	12,6	7,0	9,2	6,7	27,3	1,1	0,1	0,1	0,0	24,2	7,2	0,0	0,0	5,7	35,0	
Julho	0,0	9,9	0,0	9,5	4,6	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	1,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	
Agosto	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	2,1	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	5,0	0,0	0,6	0,0	0,0	
Setembro	3,3	17,7	0,0	149,0	8,4	17,3	3,6	6,1	0,0	0,3	24,6	9,8	4,8	7,5	6,3	17,9	3,0	
Outubro	24,3	46,2	78,2	1,4	4,2	13,1	54,9	67,7	1,6	26,5	64,0	81,8	21,3	68,7	205,5	14,8	113,3	
Novembro	51,2	58,3	23,5	155,1	55,5	122,7	60,7	93,7	46,0	144,9	17,6	74,5	21,1	119,3	43,8	183,1	53,3	
Dezembro	64,8	64,8	200,6	237,8	115,0	39,0	80,1	187,2	44,9	72,2	42,3	49,9	332,5	35,5	30,9	147,0	174,7	
Totais	415,2	706,9	770,4	673,0	589,9	425,9	686,4	660,8	280,2	856,2	535,2	401,4	607,1	517,5	768,2	548,2	665,1	

Chuva média anual, em milímetros: 1928 a 1937, 450,2; 1938 a 1957, 525,0; 1948 a 1957, 587,9; 1958 a 1962, 621,2

Propriedade

Vende-se uma quarta parte da propriedade denominada «Azeda», junto ao mar.

Recebe propostas, Julieta Gil — Santa Rita.



O fisco e o Tempo

Continuação da 1.ª Página
mente os produtos da lavoura vão por água abaixo.

Frutos secos (e carnudos, talvez) perdem-se à nascença e o lavrador, chorina, queixa-se de que não pode fazer face às despesas que o assaltam.

A primeira, os impostos, lá vai...

É duro, em anos de colheita mesquinha, ter de pagar contribuições que não estão justamente relacionadas com os rendimentos do contribuinte. A lei é geral e os casos, muito pessoais, variam infinitamente. Mas se o povo, sábio, considera que há casos que podem mais que as leis, o fisco teria de fazer, neste momento, um estudo especial à vida, haveres e condições de cada um, o que levaria tempo imenso. Ora, como os serviços da Fazenda Pública são dos mais sobrecarregados, o alvitre descobria a necessidade de alargar o quadro dos funcionários, o que, só por si, resultaria em mais despesas e ocasionava motivo de aumento das sobreditas contribuições.

É dever sagrado, o pagamento dos impostos, pois o mesmo povo que elege os que não de promover a prosperidade dos serviços públicos, deve fornecer o carburante que alimenta a máquina económica que fará movimentar o exercício das funções necessárias à vida da Nação.

Um ano agrícola de mau cariz, que ainda no fim pode ser excelente, não diminua as necessidades do Estado, e é dos impostos, licenças e multas que se drena o fundo para os cofres públicos, pela maior parte.

A especialização de funções e usos, a que chamamos progresso, aumenta dia a dia a necessidade de funcionários e com eles a montante das despesas.

Por outro lado, se bem analisarmos as coisas, a propriedade privada, em rigor, não existe. O único proprietário é o Estado que nos concede regalias especiais a troca duma renda benígna (a contribuição). Uma vez que não possamos ou não queiramos pagá-la, o seu verdadeiro senhorio, que é nosso suserano, retira-a do nosso poder e passa-a a outro proprietário, depois de se ter descontado da importância que, perante a lei, lhe é devida.

As antigas «décimas» estão hoje acrescidas duma florescência múltipla e progressiva de impostos e licenças por dá cá uma palha. Quando estas verbas são, afinal, empregadas no bem comum, embora custe, dá-se de coração generoso.

Em todo o tempo e em todas as nações houve impostos duros e às vezes bárbaros. Denotam quase sempre o espírito sagaz dos economistas e legisladores.

Recorda-nos, a propósito, uma absurda lei — a Lei das Cortesias — arranjada por Filipe de Espanha para nos palmar boas multas, com relativa frequência.

Parece que este rei não achou muito cortesias os seus súbditos de Portugal e vai daí tratou de publicar uma lei que estipulava os títulos honoríficos de cada um.

Quando alguém se dirigia (sobretudo, escrevia) a outra pessoa, precisava saber muito bem que tratamento lhe pertencia na escala hierárquica que ocupava.

Tinha de saber se poderia chamar a el-rei Meu Senhor ou Nosso Senhor, quem eram as altezas, as excelências, os ilustríssimos, as senhorias, as paternidades e os simples «vós» ou vossas mercês.

Um enganozinho na matéria, multa pesada a entrar para o erário, e a reincidência podia valer costas de África.

Recomendou o cuidadoso rei,

O sr. Dr. Jorge Correia pediu na Assembleia Nacional a uniformização das tarifas de energia eléctrica

Continuação da 1.ª Página

se criam em certas regiões autênticas barreiras aduaneiras para a energia eléctrica «cujo proveito, em vez de reverter para o Estado, beneficiando todos, reverte apenas e por excepção para alguns».

Citou depois números relativos a lucros de empresas de energia eléctrica em 1961, dizendo a seguir: «Não seria esta, a altura de o Governo impor a todas as companhias produtoras e distribuidoras de energia uma contribuição proporcional para um fundo comum que cobrisse o encargo geral do transporte de energia de maneira que realmente pagássemos apenas a utilização?»

Outra solução seria a uniformização das tarifas em todo o continente, baixando umas e subindo outras ainda que ligeiramente, de modo a obter-se o equilíbrio.

Salientando, depois, ser «da sabedoria das nações que baixando o preço da energia aumenta fatalmente o consumo», fez demoradas considerações, focando vários aspectos económico-sociais e políticos declarou:

«Permitimo-nos com a devida vénia e o maior respeito perguntar ao sr. ministro da Economia por que se não uniformiza o preço da energia eléctrica, quando nos parece fácil fazê-lo, e qual a gestão do fenómeno que permite neste energia a \$28 no Porto, \$80 em Bragança, \$25 na Guarda, \$70 em Coimbra e \$80 em Faro?»

Sem energia barata — acrescentou — não pode haver industrialização, não há turismo, não há progresso, nem pode haver nível de vida capaz.

E depois de várias considerações sobre o assunto, disse a terminar:

«Tenhamos a coragem de afirmar, porque constitui uma força e temos a certeza de que é uma virtude fazê-lo, que alguma coisa não está bem e que, necessariamente, temos de corrigir, quando quase no final da quarta década da revolução Nacional, e no caso vertente, há ainda tantas e tantas aldeias, tantos e tantos lugares sem luz, e que foi possível chegar-se até hoje com duas sedes de concelho sem luz: Aljezur e Alcoutim».

Toda a Imprensa diária deu devido relevo à exposição do Dr. Jorge Correia que, digamos com justiça, tem tido na presente legislatura valiosas interferências. Mais uma vez nos apraz felicitar-lo muito sinceramente, a bem do Algarve e da política nacional.

Propriedade

Vende-se uma quarta parte da propriedade denominada «Azeda», junto ao mar.

Recebe propostas, Julieta Gil — Santa Rita.

às autoridades, que fossem exigentíssimas no cumprimento do estabelecido mas os conscienciosos fiscais fizeram sempre orelhas moucas a tão despropositada exigência e até o emproado Duque de Bragança teve o descaramento de escrever a Filipe, dando a si mesmo a designação de «alteza» que o rei tinha determinado para si e para os seus. Na corte de Espanha houve borbórinho e fúria mas o rei abafou a afronta com receio de tirar desforço ridículo de tamanha aeneira.

É esquisito estarmos obrigados a engolir uma colher de óleo sempre que precisamos outra de azeite, mas, em compensação, se imaginarmos vestir uma loba de lhama recamada de oiro e diamantes, podemos fazê-lo, logo que tenhamos dinheiro para tanto.

No tempo em que a moda desaforada decretava que quem quizesse passar por elegante teria que andar fardado de idolo do Sião, saltou decreto à frente a proibir oiro e seda aos que não se abalançassem a pagar multa severa.

Portanto, se o ano for mau para a lavoura, terá o lavrador que baixar as orelhas às suas despesas e procurar melhor rendimento, pois quanto mais progresso, mais especialização e, por isso, mais contribuições. Se nós não conseguimos fazer milagres, como há-de o Estado conseguí-los?

M. G.

Idêntica missão histórica

Continuação da 1.ª Página

je nos atormentam, ou já afligiram ou hão-de vir a afligir os nossos vizinhos espanhóis. Parece que temos destinos comuns e uma idêntica missão histórica que ainda não terminou.

Uma das armas do dia de hoje é a Estatística. Usam-se os números a propósito de tudo e de nada. Nas grandes assembleias que o que mais são os números.

Isto não constituiria qualquer problema se os números falassem sempre verdade. Mas agora já não há a noção do respeito pelo semelhante e apesar de ser velha regra que o fim justifica os meios, usam-se todos os meios para alcançar um fim em vista.

Quem viveu há dez anos a par dos problemas de Espanha, recorda certamente a desprestigiante campanha que esta sofreu por parte da Imprensa europeia. Uma revista atreveu-se inclusivamente a dedicar um número ao tema geral: «Espanha — país de miséria». A campanha baseava-se numa série de números errados acerca da produção do país vizinho. Os números vindos a lume correspondiam exactamente a metade dos verdadeiros. De então para cá a Espanha tem tido tempo e oportunidade de mostrar que tais números estavam errados. É assim a linguagem dos números.

A última assembleia geral das Nações Unidas assistiu a um miserável espectáculo de insultos às possibilidades que temos de nos governarmos por nós próprios em toda e qualquer parcela da nação e às grandes realizações que temos sabido levar a cabo.

Uma revista de expansão internacional disse há pouco que sessenta por cento da população portuguesa vive da agricultura. Ora isto não se verifica.

A verdade está exactamente ao contrário. Os 60% de que o Almanaque das Selecções do Reader's Digest fala, são exactamente a parte da população que vive em volta dos grandes centros industriais.

Nesta hora em que tudo se conjuga para nos desprestigiar é necessário erguer bem alta a verdade.

Ruas de S. Gonçalo nas cidades e vilas algarvias

prosegue com pleno êxito o movimento no sentido de se homenagear o único Santo nascido na nossa província, pela inscrição do seu nome glorioso na esquina de uma rua de todas as cidades e vilas do Algarve. Depois daquelas que nestas colunas já indicámos — Lagos, Faro, Portimão, Silves, Tavira, Loulé, Vila Real de Santo António e Alcoutim —, também já Olhão, Aljezur, Vila do Bispo e Castro Marim possuem ruas de S. Gonçalo de Lagos, por deliberação das respectivas Câmaras Municipais.

Desta forma, faltam apenas quatro Municípios algarvios — Monchique, Lagoa, Albufeira e Alportel — a seguir o exemplo dos seus congéneres, para que o Algarve inteiro tenha levado a bom termo uma consagração que só o honra; e como não podemos acreditar que haja qualquer relutância da parte destes Municípios em associar-se a tal movimento, que de mais a mais, segundo julgamos saber, tem o alto patrocínio do sr. Governador Civil do Distrito, esperamos justificadamente que em breve não haverá, de facto, uma única cidade e vila da nossa província que não tenha uma Rua de S. Gonçalo de Lagos.

Esperamos que assim aconteça, até para que um dia se não possa dizer com razão, que há terras neste nosso Algarve onde não é possível fazer-se, em relação a um algarvio glorioso, aquilo que ao mesmo foi possível fazer em Santarém, no Barreiro, em Torres Vedras, na Lourinhã...

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA



Festas tradicionais do Algarve como atractivo turístico

Continuação da 1.ª Página

pois estes (pelo menos os estrangeiros e aqueles nacionais que não fazem apenas... excursionismo de garrafão e pan-deirola) positivamente não se deslocam a qualquer lugar só para sentir o prazer de rodar a cem quilómetros horários por boas estradas, ou para comerem bem e dormirem melhor em bons hotéis; os campistas (e hoje em dia pode talvez dizer-se já que metade dos turistas faz camping) não precisam mesmo, para nada, de bons ou maus hotéis!... A beleza das paisagens, a amenidade do clima, a monumentalidade arquitectónica ou outra, as reminiscências arqueológicas ou históricas, o pitoresco dos usos e costumes e das danças e cantares do povo, a existência de grandes centros de diversão ou de desporto, as grandes festas tradicionais e características — tudo isto é que, antes de mais nada ou acima de tudo, atrai os turistas a umas regiões, de preferência a outras, embora sem dúvida mais facilmente eles aí possam deslocar-se se dispuserem de boas estradas e se apoiarem numa boa rede hoteleira!»

* * *

«Já em vários artigos (publicados em diversos jornais portugueses), a propósito da promulgação das chamadas leis do turismo, advogámos que o Algarve deveria constituir uma só região ou zona de turismo (administrada por uma só entidade), onde cada localidade nunca competisse com as outras na preparação de atractivos que não fossem os resultantes da simples valorização das respectivas belezas naturais e, portanto, em que também cada uma realizaria as suas festas de valor turístico em datas diferentes das outras, de forma a não haver sobreposição de organizações desse género em toda a província, e de forma igualmente a cobrir toda a roda do ano com festas que pudessem manter um constante afluxo de turistas ao Algarve. Procedimento este de que não adviriam quaisquer prejuízos para nenhuma das localidades em particular, e antes só resultariam benefícios para todas, pois não deve esquecer-se que o Algarve, sendo embora um «jardim de trinta léguas», é ainda tão pequeno e são tão fáceis as suas comunicações, que qualquer turista aí deslocado por motivo das festas dos concelhos, nunca deixaria de aproveitar a oportunidade para ir conhecer ou rever as belezas naturais de todos os outros, sobretudo se a propaganda tivesse sido devida e convenientemente organizada nesse sentido;

«Ora, por exemplo Loulé tem já o seu Carnaval, com meio século de tradição, bem conhecido em todo o país e mesmo em alguns pontos do estrangeiro, e de ano para ano a embelezar-se e a ganhar mais fama; e Portimão ensaiou há tempos uma Festa da Flor (melhor se lhe chamaria da Flor da Amendoeira), que em novas tentativas, e sem competir com o carnaval louletano, talvez possa converter-se num grande atractivo turístico da sua privilegiada região, durante o Inverno. Mas, o S. João ainda não foi tentado, que saibamos, como festa algarvia com projecção turística ou a tender para ela; porque não aproveitá-la, pois, e exactamente em Olhão, onde é já uma tradição e tem características peculiares (estamos a pensar sobretudo no grande espectáculo dos seus dombates de carretilhas, sem rival em todo o país...), para fazer dele uma grande festa turística algarvia?»

* * *

Como se vê, citamos então

apenas os casos do Carnaval de Loulé, da Festa da Flor da Amendoeira de Portimão e do S. João de Olhão. Mas, podíamos ter citado muitos outros, que aguardam um conveniente aproveitamento turístico, como por exemplo: as festas da Mãe Soberana de Loulé, as tradicionais e famosas procissões da Quaresma em Tavira, a romaria de Nossa Senhora da Orada em Albufeira, a vigília de Nossa Senhora de Alva em Aljezur ou de Nossa Senhora dos Mártires em Castro Marim, todas que, embora de carácter essencialmente religioso, podem ser atractivo de turistas, tal como o são a Sema-na Santa de Sevilha e de Braga ou a Senhora da Agonia de Viana e ainda as reuniões ou concursos de charolas da Fuzeta (que, ali ou noutra ponto mais conveniente, a escolher, poderiam ser um grande atractivo algarvio de entre Natal e Ano Bom), as festas de S. Gonçalo, em Lagos (que bem poderiam transformar-se no grande festival dos homens do mar algarvios, no imponente cenário da magostosa baía...), as Esperas dos Três Reis, que se celebrizaram há trinta anos em Olhão, depois deixaram de se efectuar, mas poderiam ser ressuscitadas como grande cartaz turístico, etc. As próprias feiras, como a de Santa Iria, em Faro, ou a de S. Francisco, em Tavira, devidamente transformadas e adaptadas — como o foram, por exemplo, a Feira de Março, de Aveiro, a de S. Mateus, de Viseu, ou a de S. João de Évora — poderiam ser aproveitadas turisticamente com grande êxito.

Mas, além do que já existe e precisa apenas de ser devidamente aproveitado, adaptado, organizado e reclamado, muitas outras realizações se poderiam tentar, não simplesmente ocasionais, mas com intuídos de repetição anual e de tradicionalização; um grande festival de arte, nos castelos de Silves ou de Castro Marim, como já alguém alvitrou; um grande festival do folclore regional, em Faro, mas sem reduzir o folclore algarvio ao corridinho ou à macaqueação de coisas que não são nossas, e antes procurando reviver tudo o que anda por aí esquecido ou ignorado e, ao contrário do que muitos supõem, não é pouco (demonstra-lo-emos num próximo artigo); um grande festival desportivo de verão, tendo como cenário principal o nosso mar... Tudo isto porém, planeado e realizado em grande, com altura, dignidade e esplendor, e não à maneira de festinha de aldeia, como ainda não há muito planeava para... resolver o problema turístico da sua região, uma Comissão Municipal de Turismo algarvia, muito ciosa da sua independência, que afinal não dá para mais do que para tómbolas e arraiais aldeãos numa das mais belas praias do Mundo!...

É claro que tudo isto, e o mais que sob tal aspecto se podia fazer na nossa província, no sentido de dar valor turístico às festas locais e fazer delas verdadeiro atractivo de turistas, custa muito dinheiro (mas, também traria muito dinheiro!) e requiere um planeamento geral, uma organização e uma coordenação impossíveis de conseguir no estado actual do turismo algarvio, sobretudo com o sistema de orientação, direcção e administração que nele vigora. Mas isso, é outra história!...

Antero Nobre

Há dias tivemos o prazer de abraçar nesta cidade o nosso prezado amigo e colaborador, jornalista Antero Nobre, que se encontra no Algarve em serviço profissional.

A plano de valorização do Alentejo e uma recente visita ministerial

Continuação da 1.ª página
cía e várias estradas estão em construção, de modo a completar a obra a realizar.

Os trabalhos em curso mereceram a especial atenção aos dois ilustres membros do Governo. Importa acrescentar que os trabalhos iniciados receberam considerável impulso com esta visita ministerial, havendo também, a assinalar a importante dádiva de treze mil contos, destinada à construção do Hospital Regional de Beja e feita por uma benemérita senhora, viúva dum grande agricultor do Baixo Alentejo, homem de vistas largas a quem a região muito ficou a dever.

Embora a visita do Ministro e do Subsecretário de Estado das Obras Públicas tivesse por objectivo, principalmente, os perímetros de rega do Roxo e do Mira, não queremos deixar de apontar, aqui, também, o nobre gesto da benemérita senhora, que permitirá tão vultoso melhoramento não só para a capital da província do Baixo Alentejo mas também para toda a importante região. Na verdade, se o Plano de Rega do Alentejo é de capital importância, a obra assistencial em que a próxima construção do Hospital Regional de Beja entroncará não é menos importante, uma vez que a valorização da vasta província portuguesa implica a realização de melhoramentos de ordem geral que não poderão nem deverão deixar de incluir os de carácter assistencial indispensáveis numa região cujo progresso vai acentuar-se e cujo índice demográfico, naturalmente, se elevará.

O início dos trabalhos de execução de do Plano de Rega do Alentejo assinalou-se também, pela visita ministerial ao local onde vai ser construída a Barragem de Santa Clara, em Odemira. Vem a propósito esclarecer que, no Plano aludido, serão despendidos pelo Estado cinco milhões e trezentos mil contos, estando prevista a construção de vinte e três albufeiras, com a capacidade de trezentos mil metros cúbicos sendo necessário construir nove mil quilómetros de canais e algumas centenas de quilómetros de linhas de transporte de energia para serviço das estações de bombagem. Acrescenta-se que, além do aproveitamento das bacias hidrográficas da região, que asseguram um volume médio anual de cento e trinta milhões de metros cúbicos, o que não chegará para as necessidades a suprir, haverá que recorrer à elevação das águas do Guadiana e do Tejo, tendo este de fornecer um volume médio anual de cento e noventa milhões de metros cúbicos. Interessante e oportuno é notar que os estudos feitos acerca dos resultados práticos do Pla-

no de Rega do Alentejo permitem esperar um aumento anual de mais de um milhão de contos na produção agrícola, subindo os lucros desta em cinquenta mil contos anuais, o que importa acentuar, de modo especial.

A tudo isto se referiu o Ministro das Obras Públicas na sessão solene realizada nos Paços do Concelho de Odemira, tirando da inauguração dos trabalhos atinentes à realização do Plano de Valorização do Alentejo as conclusões pertinentes. Nessa sessão se proferiram discursos significativos e se pôs em realce a série de vantagens que tal Plano trará para a região. Tudo se encaminha, na verdade, (e caso é para dizer: Enfim,) para a realização do velho sonho da lavoura alentejana, que era, pode e deve dizer-se, o velho sonho não só da gente alentejana mas também de quantos, como nós, amam e admiram esse que é, por mais de um título, uma das mais importantes regiões de Portugal. Somos ainda do tempo em que falar na irrigação do Alentejo era o mesmo que falar na fertilização do deserto do Saara. Ora se esta começa, de certo modo e até certo posto, a ser uma realidade, ou, pelo menos, uma possibilidade, porque não haveria de sê-lo, também aquela?

Graças ao Governo de Salazar que nunca deixou de se interessar pela solução dos mais momentosos problemas nacionais (apesar de velho de muitos anos, o problema da irrigação do Alentejo foi sempre momentoso no mais amplo sentido desta palavra), o Alentejo vai ser, enfim, irrigado. O sonho vai, enfim, realizar-se. Os povos da região vão, pois, beneficiar daquilo de que o Alentejo mais precisa, para que o seu vasto solo se desentranhe em produtos necessários à vida: a água. A magnitude do Plano é razão suficiente para que concedamos incondicional aplauso a quem se decidiu a meter ombros à empresa. Esta, disso estamos certos, vai ser aquilo que se projecta e as verbas colossais que nela vão ser investidas terão, sem dúvida, rigorosa aplicação. O País, apesar de acostumado a obras de vulto de interesse nacional, não deixará de prestar inteira justiça a quem a merece, louvando a realização do Plano de Valorização do Alentejo, cujo alcance é óbvio e, portanto, dispensa comentários de realce. Trata-se, na verdade, de uma obra gigantesca, da ordem daquela que, como o da ponte sobre o Tejo, suscitou o geral aplauso. Daqui lho endereçamos, de todo o coração, como português que, acima de tudo, quer ver a sua pátria cada vez mais dignificada e valorizada, cada vez mais bela e grande.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Hortense Brás Pires Ribeiro, D. Maria Virginia Viegas Cavaco, D. Maria Helena Dias Santos e D. Odete Maria das Dores Baptista.

Em 4 — D. Valentina da Conceição Beleza, D. Mariete do Céu Santana Cordeiro Fernandes, meninas Maria Odina dos Santos, Lucilla Carmem Cristina Peres, menino António Manuel Soares de Almeida e os srs. Carlos Rodrigues Mil-Homens e Arnaldo Casimiro Anica.

Em 5 — D. Maria José Nobre Dias D. Maria Otília Faleiro Pereira, menino Fernando Eduardo Cristina Peres, menina Maria Fernanda dos Santos Correia e os srs. António Joaquim da Rosa, Aldomiro Gonçalves e José Luis Dias.

Em 6 — D. Ermelinda Bernardo Raimundo e Horta, D. Maria Luísa Rodrigues de Carvalho, meninas Maria do Carmo Ferrete Afonso Peres, Maria Amélia Ferrete Afonso Peres, menino Francisco José Monteiro Rodrigues Cardoso e os srs. Joaquim Lopes Padinha Joaquim José e Luís Maria de Melo e Horta.

Em 7 — D. Maria da Graça Neto Mil-Homens, D. Maria Adelaide Ondas Pires Cruz Centeno, D. Maria Jose da Palma Brito Baptista e D. Maria Romualdo Bento Agostinho.

Em 8 — D. Maria Regina Pires Brás, menina Maria Aurea Venâncio Lopes, menino Edmundo Gomes Fialho e Padre João Martiniano Correia Matos.

Em 9 — D. Alice da Silva Matos e os srs. Otílio dos Santos Gonçalves e Manuel Mário da Cruz Calço.

Partidas e Chegadas

A fim de passar o seu aniversário natalício, esteve em Feijó, em casa de seus pais, o nosso assinante sr. Assis Manuel Alexandrino, que já se encontra no Algarve em casa de seus avós.

De visita a seu pai encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. João Aboim, empregado do B.N.U., na capital.

Com sua esposa encontra-se nesta cidade o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Celestinos Santos Amaro Junior, funcionário dos escritórios da C.P., em Lisboa.

Com sua esposa sr.ª D. Maria Gonçalves Fernandes de Assis Gusmão Pereira Bastos, retirou para Valença do Minho, onde passa a prestar serviço, o sr. Alfredo de Oliveira Pereira Bastos, que durante alguns anos chefiou o posto da Polícia Internacional em Vila Real de Santo António.

Agradecemos os cumprimentos de despedida que pessoalmente tiveram a gentileza de nos prestar e fazemos votos pelas suas prosperidades.

Necrologia

António da Paz

No dia 27 de Janeiro, faleceu nesta cidade o sr. António da Paz, de 77 anos, canteiro.

O falecido era natural de Tavira, e pai dos srs. António da Paz Pires Junior, e Bernardino Francisco Pires, e das sr.ªs D. Maria Joaquina Pires Soares e D. Lucia da Conceição Nobre.

D. Juliana Rosa Sancho Uva

Na sua residência, em Lisboa, faleceu no passado dia 31 do corrente, a sr.ª D. Juliana Rosa Sancho Uva, viúva, de 87 anos de idade, natural de S. Brás de Alportel.

A veneranda senhora era mãe das sr.ªs D. Florinda Sancho Dias Uva e D. Francisca Sancho Uva de Sotto Soares e dos srs. João Domingos de Sousa Uva, industrial, Almirante Joaquim de Sousa Uva, Domingos de Sousa Uva, industrial, Dr. Francisco Sancho de Sousa Uva, advogado, Dr. Manuel Sancho de Sousa Uva, advogado e Vitor Sancho de Sousa Uva, Capitão-Tenente da Armada, sogra das sr.ªs D. Francisca de Sousa Uva, D. Maria Luísa Bravo de Sousa Uva, D. Maria Antónia de Sousa Uva, D. Carmela de La Puente de Sousa Uva e D. Sofia de Melo e Sousa Uva e dos srs. Emílio Dias de Sousa Uva e do Dr. João Sotto Soares, Major médico.

Foi rezada missa de corpo presente na Igreja de S. Sebastião da Pedreira e cerca das 19 horas, os restos mortais da bondosa senhora foram trasladados em autocarro para a igreja matriz de S. Brás de Alportel, onde na manhã seguinte foi celebrada missa de sufrágio, tendo-se realizado em seguida o funeral para o jazigo da família no cemitério de S. Brás.

Acompanharam o préstito fúnebre centenas de pessoas salientando-se algumas das mais destacadas figuras do Algarve.

A's famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

Este número foi visado pela Delegação de Censura



Luz de Tavira

Sociedade R. M. Luzense — Em Assembleias Gerais de 22 de Dezembro e 12 de Janeiro, foram eleitos, para dirigirem os destinos desta colectividade, os sócios:

Assembleia Geral — Presidente, José Joaquim de Mendonça Felício; Vice-presidente, João da Luz e Brito; Secretários, Luciano do Carmo Avó e Carmindo Vaz Viegas.

Conselho Fiscal — Relator, António Evangelista Tomé; Secretários, Lourenço Manuel Mendonça e António Macário Soares Martins.

Direcção — Presidente, Joaquim Damião Palmeira; Secretário, Justino Felício de Mendonça; Tesoureiro, António Eduardo Correia; Vogais, José do Sacramento Sousa, João Viegas de Mendonça, Manuel Martins Pereira Puga e Manuel Faustino.

Baliles de Máscaras — A Sociedade Recreativa Musical Luzense vai realizar, nos dias 17, 21, 24, 25 e 26 de Fevereiro, os tradicionais baliles de Máscaras, premiando as que melhor se apresentem trajadas. Também no dia 1 de Março será levado a efeito o baile da Pinhata.

Para estes baliles actuarão as orquestras de Pedro Clara e Sousa Baloa. — C.

Agradecimento

A família de José Inácio Massena, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à derradeira morada e bem assim às que lhe manifestaram o seu pesar.

Agradecimento

A família de Maria Natália Lopes Dourado, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e bem assim aquelas que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Agradecimento

A viúva e filhos de Alfredo Augusto Baptista Peres, na impossibilidade de o fazerem directamente, como era seu desejo, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à última morada e a todas que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Vende-se

Propriedade de sequeiro e regadio no sítio das Solteiras — Conceição de Tavira, denominada «Monte Alegre». Tratar com Joaquim Eduardo Fernandes, Rua 5 de Outubro, 27 — Tavira.

VENDE-SE

Na altura de Cacela um prédio com padaria, mercearia, taberna e casa de habitação, por motivo do proprietário não poder estar à frente do negócio. Informa-se nesta Redacção.

CRIADA

Oferece-se, com 20 anos, alguns conhecimentos de cozinha e outros serviços, tais como: limpezas, etc.

Dirigir correspondência a S. V. Mariano — Maria Vinagre — Odemira.

Vende-se

Uma casa com quintal, poço, árvores de fruto e terreno para semear, na Travessa dos Machados, 31, em Tavira e uma courela no sítio de Padre Maia.

Quem pretender dirija-se a Joaquim dos Santos, Rua da Liberdade, 12, nesta cidade.

MODISTA

FATOS-CASACOS-VESTIDOS

Execução de toilettes para casamento

— Maria Vivelina Cruz —

R. D. Paio Peres Correia, n.º 16 TAVIRA

Dos Livros

Patrão Bento

Deste romance de Aleixo Ribeiro autor de «Bússola Doida» e «Bairro Excêntrico», se poderá dizer que vem contribuir para o preenchimento duma grande lacuna na actual literatura de um país como o nosso, com cerca de metade da sua fronteira confinada com o mar, um país que produziu a «História Trágico-Marítima» e cujo livro mais alto — Os Lusíadas — é uma epopeia de mareantes. Predominantemente rural, citadina também, a fleção nacional quase esqueceu os ambientes e as populações de uma extensa faixa marítima, com toda a sua gama inesgotável e riquíssima de valores plásticos e humanos. Dos trabalhos e dos dias da gente portuguesa, é a vida do pescador, do homem do mar, que menos atenção tem merecido dos nossos escritores, ressaltadas as raras e bem conhecidas excepções.

«Patrão Bento» é todo ele consagrado a um porto de pesca da costa portuguesa. Não nos diz o autor em que ponto do litoral esse ponto se situa, nem isso era necessário afinal. Porque as duas personagens principais deste livro — o mar e o homem que dele vive e que nele morre — são, pode dizer-se, iguais em toda a costa. Mais diferem, talvez, os barcos e as redes.

Este romance, com a sua genuína humanidade, o seu dia a dia, o seu esforço e o seu drama, é bem a epopeia fruste mas real abnegada e por vezes trágica, destes pescadores que Aleixo Ribeiro tão bem mostra conhecer — porque com eles conviveu.

(Editorial Estúdios Cor, 266 páginas, 30\$00).

Cem por Cento Moderna

Escritora de merecimento, com uma brilhante obra literária que atinge já cerca de duas dezenas de trabalhos, Leyguarda Ferreira acrescentou, agora, à sua bibliografia mais um romance de leitura atraente.

«Cem por Cento Moderna», assim se intitula o volume que nos conta uma enternecedora história de amor em que dois espíritos, de certo modo contraditórios, acabam por unir-se. Ela, rapariga moderna, caprichosa, mais por educação do que por temperamento, um tanto estouvada e agressiva: ele, homem ponderado, de grandeza de alma, sabendo suportar o pesadelo da vida. Entre um e outro, que no fundo, se aborrecem, amando-se, há um constante desenrolar de cenas em que ambos se mostram incompreensíveis e resolutos: ele procurando vencer o amor que o domina, ela, mostrando-se constantemente altiva e irónica, humilhando-o. Ela mente, porém, e na alma da rapariga ultramoderna, arisca e voluntariosa, vivem sentimentos bons que ele acaba por vencer revelando os seus.

«Cem por Cento Moderna», escrito em linguagem simples e elegante, é assim, um romance de palpante leitura, de figuras profundamente humanas e primorosamente tratadas por Leyguarda Ferreira que juntou, desse modo, à sua obra, um trabalho de muito merecimento.

Edição bem apresentada (Coleção Azul) da Livraria Romano Torres.

Agradecimento

Manuel Rodrigues Ferrabraz, Germínio Rodrigues Ferrabraz e demais família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à última morada e a todos que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Agradecimento

A família de Armando Marciano Fernandes, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e a todos que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

VENDEM-SE

Duas courelas de terra de semear com diverso arvoredado, denominadas «Val da Junqueira» e courela das «Figueiras», no sítio da Corte do Peso, freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo.

Tratar com Joaquim Eduardo Fernandes, Rua 5 de Outubro, 27 — Tavira.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO
tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

SOBRE o tema «O problema nacional dos deficientes mentais: aspectos psicopedagógicos e sociais. — O Algarve no enquadramento nacional», realizou em 24 do corrente o professor sr. Vasco Marques Coelho, na Casa do Algarve e integrada no programa de actividades da sua Comissão Cultural, uma interessante conferência documentada com um filme e em que foram encaradas as necessidades do Algarve no assunto. Presidiu o sr. Dr. Maurício Monteiro, como vice-presidente da Assembleia-Geral da instituição, dando a direita aos srs. Dr. Simão Lopes Gonçalves, médico-escolar do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira; Major Mateus Moreno e Dr. Higinio Borges de Menezes, e a esquerda à professora Dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, que fez a apresentação do orador como algarvio devotado e categorizado propulsor da reeducação pedagógica no País; Dr. Sousa Fontes, em representação do presidente da Comissão Cultural e Hermenegildo Neves Franco, vice-presidente da Direcção.

Dada a palavra ao orador, que foi recebido por uma prolongada salva de palmas, o mesmo por salientar que na Conferência Internacional de Educação realizada em Genebra em 1960, ficou assente que nenhuma criança pode ser rejeitada e o Estado tem a obrigação de cuidar dela, de a recuperar.

«O conceito actual, à escala mundial — acentua — é que todos têm direito a ser educados e não assistidos».

«A expressão «Criança Anormal» — assinala também — tende a desaparecer. «Felizmente diz — em quase toda a parte está banido o termo «anormal», que no sentido popular constitui um estigma que pesa sobre toda a família e o próprio deficiente. Hoje usamos a expressão criança difícil, excepcional, irregular, mal ajustada, desadaptada, inadaptada, deficiente, etc.»

A pergunta — «Que é uma criança deficiente?» responde: «Toda a criança que, por deficiência psíquica reage aos estímulos exteriores numa forma diferente do que o faz a maioria das crianças da sua idade». Esta definição é vaga, pouco precisa porque engloba diferenças de níveis mentais muito apreciáveis, — esclarece noutro passo acrescentando: «A classificação das crianças deficientes mentais é feita segundo um exame psicológico por meio de vários testes mentais. Este exame deve ser feito por pessoas conhecedoras de Psicologia Infantil e que estejam suficientemente treinadas na aplicação de testes. Portanto, tanto pode ser feito por um psicólogo, por professor com preparação específica ou por um médico especializado em Psiquiatria Infantil. A conclusão é dada por idades mentais e conscientes intelectuais».

Sobre as causas das deficiências, refere depois: São variadíssimas as causas que podem dar origem a deficiências. Num estudo estatístico feito sobre 15.000 crianças deficientes o autor verificou que as doenças nervosas, o alcoolismo e a sífilis, são os três flagelos que provocam maior número de deficiências mentais.

O orador foca os problemas de reeducação dos deficientes mentais, precisando: Dizemos reeducação e não apenas educação, porque há que reconduzir qualquer coisa que está desviada duma norma de carácter geral. Dizemos que um deficiente mental está recuperado quando o consideramos adaptado ao meio social em que tem de fazer a sua vida. Muitas pessoas supõem que um deficiente só está reeducado quando sabe ler e escrever. Um deficiente pode estar reeducado sem saber ler nem escrever. É ainda: «Consideramos dentro dos deficientes mentais os débeis e os atrasados. Para o débil mental estão indicadas aquelas actividades profissionais



Escola Técnica

EM homenagem ao Infante D. Henrique, a TAP vai conceder a um aluno distinto da nossa Escola Técnica, uma viagem à Ilha da Madeira, e possivelmente aos Açores.

CABAM de chegar a Tavira as primeiras máquinas eléctricas, destinadas às aulas práticas de Electromecânica, e fornecidas pelo Estado.

OS alunos estão desenhando aspectos de Tavira para a confecção de postais destinados à correspondência com colegas de outras Escolas Técnicas, que lhes escrevem. Esta correspondência está isenta de franquia postal, e vai servindo para um melhor conhecimento e amizade entre a nossa juventude. Já foram recebidas missivas de alunos de Escolas Técnicas de: Almada, Beja, Bragança, Covilhã, Lisboa, Régua, Setúbal e Sintra. Orienta superiormente, com especial carinho e competência este intercâmbio escolar, o sr. Dr. Manuel Rodrigues de Oliveira, professor efectivo da Escola Técnica de Tavira.

TEATRO vai fazer parte das actividades circun-escolares dos alunos, pelo que vão eles, iniciar esta semana os seus primeiros ensaios, sob a proficiente direcção da sr.ª D. Maria Helena Nogueira Rosado, instrutora da M.P. Feminina.

Calendários

Da conceituada firma Filhos de João Nunes Sequeira, Ld.ª, de Santo António das Areias, recebemos a habitual e gentil oferta de dois interessantes calendários para 1963, de reclame dos apreciados pimentões Flor do Pereiro. Os nossos agradecimentos.

que por exigirem menor capacidade intelectual são predominantemente manuais. Nos atrasados mentais a escolha da profissão é objecto de opiniões variadas. As possibilidades destes indivíduos podem ser dirigidas para actividades predominantemente manuais ou mecanizadas».

Recordando: No I Colóquio de Psicopedagogia realizado ano passado em Évora, foi aprovada a seguinte recomendação pelo autor:

Deve ser estudada a organização de um Curso de Aperfeiçoamento para os para os atrasados mentais que lhes permita a aquisição de técnicas profissionais de acordo com as possibilidades reveladas pela psicotecnica».

«No nosso país funcionam apenas 69 classes especiais destinadas a atrasados mentais e uma escola de reeducação, oficial para débeis mentais. Desnecessário se torna salientar a escassez destes números, que bem longe estão de satisfazer as necessidades do país».

Concluindo: «Ainda não foi criada no Algarve uma classe especial. Todavia, numa estimativa feita pelo autor, são aí necessárias mais de 100 classes especiais e duas escolas de reeducação, pelo menos. As escolas de reeducação deviam-se situar-se: uma a Barlavento e outra a Sotavento. Uma deveria especializar-se com actividades profissionais relacionadas com a vida agrícola e outra com actividades profissionais relacionadas com as várias indústrias que vivem do mar. Seria mais um meio de manter e fomentar o rico artesanato algarvio.

O orador foi vibrantemente aplaudido pelo seu meticoloso e útil trabalho, ao qual o presidente da mesa, depois de exibido o belo filme documentário «Reeducação pedagógica», dirigiu também os mais vivos encômios.

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

Olhanense 0 — Belenenses 0

Os quinze minutos iniciais do encontro, por parte do Belenenses e os 30 minutos seguintes que constituíram a força olhanense, não traduziram em golos as oportunidades surgidas, mais pelo lado dos algarvios do que pela banda dos lisboetas. Mesmo quando esta equipa se lançou ao ataque, logo ao primeiro apito do árbitro, pertenceram ao Olhanense, mercê das vistosas infiltrações do seu ataque, mormente da parte de Matias e Campos, as melhores ocasiões de marcar.

Decorrido o primeiro quarto de hora da turma do Belenenses, os algarvios começaram a aparecer com mais frequência e de maneira muito ameaçadora junto à grande área adversária. Registamos um forte remate de Tonho ao poste e algumas perdas de Campos e Matias. A boa exibição do guarda-linha Nascimento contribuiu em grande parte para a inviolação das suas redes constituindo, por consequente, o maior obstáculo deparado pelo ataque da casa.

A segunda parte presenteou-nos um futebol menos claro, ausente de intencionalidade e falho de velocidade, esteve mesmo longe de atingir a craveira do praticado no primeiro tempo. Predominou o jogo característico, com base nas jogadas individuais e as tradicionais quezílias entre os jogadores e as possibilidades de golo repartiram-se pelas duas equipas com ligeira vantagem para a dos azuis.

Individualmente: Filhó, Nunes (que anulou completamente o perigoso Yaúca), Luciano, Campos e Matias, foram os melhores dos algarvios; Nascimento, Vicente e Peres distinguiram-se nos lisboetas.

Arbitragem sem grandes reparos do sr. Reinaldo Silva, que se impôs pela imparcialidade.

O Olhanense terminou a 1.ª volta na 10.ª posição, com 9 pontos.

Campeonato Nacional da II Divisão

Lusitano 3 — Peniche 2

A vitória do onze da casa nunca esteve em causa. Foi obtida com toda a normalidade por um conjunto que sabe o que faz.

A «chicotada psicológica» operada no comando da turma visitante não produziu qualquer efeito, muito embora o «placard» final tivesse estabelecido uma vitória tangencial.

O Lusitano completou a 1.ª volta em 11.º lugar com 12 pontos.

Portimonense 2 — Torreense 1

Mais um «grande» que conhece a derrota frente ao Portimonense. Como o próprio resultado indica, o nivelamento de forças foi muito notório, mas a força da equipa de Sezabo ainda foi superior.

O Portimonense terminou a primeira fase da prova em 3.º lugar, a 3 pontos dos guias (Alhandra e Seixal).

Montijo 2 — Farense 1

Na situação de vencedor na primeira parte por 1-0, a equipa de Artur Quaresma veio a consentir a marcação de 2 golos e a vitória da equipa da casa.

Presentemente o Farense encontra-se em 8.º lugar da tabela e vai iniciar a 2.ª volta com 13 pontos.

Cova da Piedade 3 — Silves 1

O «caso» Silves ainda vai dar que falar até à 26.ª jornada. A 2.ª volta que hoje se ini-



Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos durante o mês de Fevereiro:

Enfermarias — Drs. Carlos Palma e Gonçalo Pessanha.

Consulta externa — De 1 a 15, Dr. Carlos Palma, às 8 horas. De 16 a 28, Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 horas.

Consulta dispensário do I. A. N.ª T. — De 1 a 15, Dr. Gonçalo Pessanha, às 17 horas. De 16 a 28, Dr. Carlos Palma, às 8 horas.

Cirurgia geral — Consultas em 10 e 24 pelos Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia mental — Consulta em 23, pelo Dr. Manuel da Silva, às 15 horas.

Oftalmologia — Consulta em 10, pelo Dr. Artur May Vianna, às 9 horas.

Teatro António Pinheiro

— Espectáculos da semana Hoje apresenta, para maiores de 17 anos, *Labirinto Infernal*, com Simone Signorete e George Marchal, em Eastmancolor. Em complemento, *Lilli e os Ladrões*, com Ann Smyrner e Adrian Hoven.

Quinta-feira, para maiores de 17, *Os Irmãos de Ferro*, com Pedro Armendariz e António Aguilár. Em complemento, *Belezas em Scooter*, com Isa Barzizza e Fulvia Franco.

Sábado, para maiores de 17, *O Rei das Czardas*, com Gerhard Riedman e Rudolf Schok. Em complemento, *O Segredo da Confissão*, com Margit Saad e Charles Régner.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Sousa.

Missa de sufrágio

De sufrágio por alma de Sua Majestade El-Rei D. Carlos I e de Sua Alteza Real o Príncipe D. Luis Filipe, foi celebrada missa na igreja de Santiago, desta cidade, pelas 17,30 horas do dia 1 do corrente mês.

Ao plebdo acto, que foi mandado celebrar pela Junta Distrital de Faro da Causa Monárquica, assistiram muitos fiéis e pessoas de destaque no meio social tavricense.

No final foram distribuídas esmolas a alguns pobres desta cidade.

cia, deverá ser o ponto de partida para uma recuperação que se impõe e que está ao alcance da equipa algarvia.

Terminou a 1.ª volta em último lugar da classificação, com 4 pontos.

Jogos para hoje:

I Divisão

Olhanense — Académica

II Divisão

Sacavenense — Portimonense

Lusitano — Luso

C. da Piedade — Farense

Silves — Torreense

J. C.

TOTOBOLA

21.ª Jornada 10/2/63

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- | | |
|--------------------------|---|
| 1 Académica — Benfica | 2 |
| 2 Belenenses — Cuf | 1 |
| 3 Lusitano — Setúbal | 1 |
| 4 Barreirense — Atlético | 1 |
| 5 Leça — Braga | 2 |
| 6 Boavista — Marinhense | 2 |
| 7 Sanjoanense — Covilhã | 2 |
| 8 C. Branco — Oliveiren. | x |
| 9 Torreense — Sacavenen. | 1 |
| 10 Portimonense — Seixal | 1 |
| 11 Oriental — Alhandra | 2 |
| 12 Portaleg. — Lusitano | x |
| 13 Peniche — C. Piedade | x |

Jorge Cruz

Ensino Agrícola no Algarve

O Estado, por intermédio das Direcções-Gerais dos Serviços Pecuários e do Ensino Técnico, acaba de distribuir gratuitamente, entre alguns alunos mais destacados dos cursos de Aprendizagem Agrícola no Algarve, belos exemplares de porcos, vindos da Estação Zootécnica da Fonte Boa.

Esses alunos, serão os proprietários desses animais, logo que forneçam a outros colegas desses cursos, animais nascidos daqueles agora distribuídos.

Espera-se desta forma, não só galardoar os alunos que se têm destacado naquele ensino, como melhorar a riqueza pecuária do Algarve.

Além dos porcos, já referidos estuda-se uma distribuição de aves de capoeira, coelhos, bovinos, etc. Também alguns dos alunos desses cursos, têm recebido gratuitamente sementes de diversas plantas, fornecidas através dos organismos do Algarve, das Direcções-Gerais dos Serviços Agrícolas e dos Serviços Florestais.

Presentemente funcionam espalhados nesta Província, 15 núcleos desse Ensino de Aprendizagem Agrícola, orientados através da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional, pela direcção da Escola Técnica de Tavira.

A C. P. prossegue a sua campanha op «formação e produtividade» e distingue alguns dos seus mais modestos servidores

Na administração da C. P. e no prosseguimento da divulgação de alguns aspectos que interessam à produtividade dos escalões superiores da empresa, realizou-se uma sessão sobre «A profilaxia do trabalho dos dirigentes no aspecto puramente individual (medicina do «surmenage») e «A profilaxia do trabalho dos dirigentes no âmbito da organização. Do primeiro ocupou-se o Chefe dos Serviços Médicos da C. P. sr. Dr. Anibal Viola, e do segundo o sr. Eng.ª E. Gomes Cardoso, Chefe do Serviço de Produtividade do Instituto Nacional de Investigação Industrial, por amável deferência deste departamento oficial.

Também foram prestados esclarecimentos no campo da informação, esclarecimentos esses a cargo do sr. Dr. Manuel da Fonseca, Chefe do Serviço da Contabilidade.

A esta reunião assistiram todos os Administradores, o Director Geral, o Secretário Geral e grande parte do pessoal superior.

No fim da reunião o sr. Prof. Dr. Mário de Figueiredo, Presidente do Conselho de Administração da C. P. aproveitando a oportunidade oferecida pela presença dos altos funcionários da empresa, fez entrega ao sr. Eng.ª Espregueira Mendes, Director Geral da Companhia, de três relógios que o Conselho resolveu atribuir a três servidores, por sinal dos de categoria mais modesta, como símbolo de muito apreço pela dedicação dos seus empregados e estímulo à prática de actos meritórios.

Foram objecto dessa distinção: Manuel da Costa Martins, eventual — como exteriorização de elevados sentimentos humanitários servidos por notável espírito de decisão porque no dia 6 de Julho de 1962 quando a hora de serviço, passava sob o pontão de Serradão ao Km. 281,142 — Norte, por motivo do ruído das máquinas servindo na reparação desse pontão, um carro puxado por duas vacas em que seguia uma mulher e duas crianças de tenra idade, os animais espantaram-se e arrastaram o carro para águas mais profundas, correndo risco a vida da mulher e das crianças, que chegaram a estar submersas, se deitou à água, com oportuna coragem, audácia e desprezo da própria vida, evitando, por essa forma, uma tragédia cuja responsabilidade poderia ser imputada à Companhia por virtude do aparato em que estava a ser feita a reparação do mencionado pontão.

Manuel Joaquim Correia, servente de 3.ª classe — como exteriorização de sentido de camaradagem servido por notável espírito de decisão, porque no dia 11 de Agosto de 1962, estando em serviço na estação do Barreiro, desviou de cima de um carril, com risco da própria vida, um capataz que havia caído e que estava prestes a ser atingido pelos rodados de um corte de material que certamente lhe produziria a morte.

Alberto dos Reis, guarda de passagem de nível — como exteriorização de consciência profissional e espírito de iniciativa em face de uma emergência, porque no dia 21 de Janeiro de 1962, encontrando-se de cama e gravemente doente, tomou acertadas medidas para evitar um acidente motivado por uma camioneta não identificada ter arrombado as cancelas de uma passagem de nível, ficando uma delas atravessada na via e outra na estrada.